

VOTO

#146

O Brasil pede trégua

CRISES NA SAÚDE E NA ECONOMIA
EXIGEM HARMONIA ENTRE PLANALTO,
GOVERNADORES E CONGRESSO

MULHERES QUE ORGULHAM O BRASIL

Elas que inspiram pela coragem e
pelo compromisso de mudar o País

INFRAESTRUTURA

Ministro Tarcísio de Freitas
mostra avanços e aportes
de R\$ 231 bilhões até 2022





COMPETÊNCIA

S U B S T A N T I V O F E M I N I N O



VOTO

DIRETORA-EXECUTIVA
Karim Miskulin
karim@revistavoto.com

ADM/FINANCEIRO
Shanasys Oliveira
shanasys@revistavoto.com

EVENTOS E NOVOS NEGÓCIOS
Laura Regenin
eventos@revistavoto.com

COORDENAÇÃO EDITORIAL

TUTU
www.agenciatutu.com.br

REDAÇÃO
Rua Santa Cruz, 722,
5º andar Vila Mariana
CEP 04122-000
São Paulo/SP
Tel.: (11)3170-1571

PUBLICAÇÕES

DIRETORA DE CONTEÚDO
Elisa Klabunde

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Lucas Mota – MTB 46.597/SP

EDITORAS-ASSISTENTES
Leda Rosa e Lúcia Helena de Camargo

REPÓRTER
Filipe Lopes

FOTOS
Christian Parente

ESTAGIÁRIA
Gabriela Henrique

REVISÃO
Bruna Baldini e Flávia Marques

DIRETORES DE ARTE
Clara Voegeli e Demian Russo

EDITORA DE ARTE
Carolina Lusser

DESIGNERS
Alberto Lins, Joelson Buggilla,
Paula Seco, Pedro Vó e Tiago Araujo

RELAÇÕES PÚBLICAS
Maria Izabel Collor de Mello
e Paula Dias

FOTOS DA EDIÇÃO
Felipe Cardoso e Wendel Lopes

COLABORAM NESTA EDIÇÃO
Marcus Lopes e Sandra Rodrigues

COLONISTAS
Antonio Augusto, Juliana Nakad, Karene
Vilela, Luciano Zucco, Mateus Bandeira,
Marcos Campos e Paulo Moura

As opiniões expressas nos artigos
assinados são de responsabilidade de seus
autores. Todos os direitos reservados.

CAPA
Cintia Funchal

PERIODICIDADE
Bimestral

IMPRESSÃO
Gráfica Odisséia



#146

À sombra da ameaça de uma
crise mundial sem precedentes,
a VOTO apela à classe política
brasileira para que assuma a agenda
prioritária do País em detrimento
de ganhos políticos ou eleitorais.
União, já!

ASSINATURAS
secretaria@revistavoto.com

site www.revistavoto.com.br | twitter @revistavoto
facebook /revistavoto | instagram @revista_voto

São Paulo/SP Rua Senador Vergueiro, 489 CEP: 04739-060 Fone: (11) 3791-4954	Porto Alegre/RS Av. Carlos Gomes, 1.155/902 CEP: 90480-004 Fone: (51) 3028-8286
---	---

Pacto de superação

O MOMENTO que o Brasil vivencia tem reflexos diretos em toda a sociedade, independentemente de preferências partidárias ou ideologias. Isso porque a economia brasileira sofrerá as consequências negativas do período de paralisação do setor privado.

Diante desse cenário sem precedentes, os mais de 200 milhões de brasileiros esperam harmonia entre os governantes para que os efeitos da crise sejam minimizados. O Grupo VOTO entende que é hora de colocar as disputas políticas em segundo plano. Afinal, a batalha de todos deve ser contra o coronavírus, e não entre o presidente, os governadores e o Congresso. E a despeito de declarações polêmicas do chefe do Executivo, o Brasil está no rumo certo.

A matéria de capa desta edição mostra que esse trabalho de combate à pandemia requer medidas de preservação da vida da população, da manutenção do emprego e da sobrevivência das empresas. Inspira-nos a declaração do ministro Paulo Guedes ao dizer que “nenhum brasileiro será deixado para trás”. Clamamos por atitudes orquestradas em defesa da Nação, pois só assim vamos evitar o risco de destruição da capacidade produtiva brasileira.

Nas páginas a seguir, publicamos ainda a cobertura dos debates ocorridos no Seminário de Abertura do Legislativo 2020 e no evento Brasil de Ideias, promovidos pela VOTO em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Reunimos lideranças políticas e empresarias para discutir os desafios de tornar o País mais competitivo em áreas como infraestrutura, saúde e inovação.

Este número de VOTO é especial. A revista está de cara nova, com um projeto gráfico alinhado às tendências do mercado editorial. Com isso, esperamos propiciar uma leitura ainda mais agradável mantendo a qualidade de conteúdo que marca nossa publicação. Também é motivo de alegria o lançamento do projeto Mulheres que Orgulham o Brasil. Apresentamos aqui cinco das dez mulheres eleitas pela VOTO nessa iniciativa realizada em parceria com o *Financial Times*. Além de pioneiras, elas transformam a realidade dos meios em que atuam e impactam o desenvolvimento socioeconômico do País.

Complementam a edição artigos e matérias exclusivas produzidas por nossos colunistas e colaboradores.

Neste momento tão complexo, para o bem do Brasil, acreditamos que os consensos devam se sobrepor às divergências.



Os mais de
200 milhões
de brasileiros
esperam
harmonia
entre os
governantes
para que os
efeitos da
crise sejam
minimizados

“

KARIM MISKULIN

Diretora-executiva
de VOTO

POLÍTICA, CULTURA E NEGÓCIOS

#146



8

CAPA

O Brasil pede união

14

PAULO MOURA

Comunicação política sob estresse social



16

MINISTRO PAULO GUEDES

Reformas começam a reestruturar o País

22

MINISTRO TARCÍSIO GOMES DE FREITAS

Brasil avança na infraestrutura

28

MINISTRO ONYX LORENZONI

Mudança de rota e desafios para o futuro

30

V SEMINÁRIO DE ABERTURA DO LEGISLATIVO 2020

Rumos para um Brasil competitivo

32

MINISTRO RICARDO SALLES E DEPUTADO OSMAR TERRA

Soluções integradas para o desenvolvimento

36

BRASIL DE IDEIAS

Lições norte-americanas

38

GALERIA

V Seminário de Abertura do Legislativo 2020 e Brasil de Ideias

42

LUCIANO ZUGCO

Para ser visto e lembrado

44

MATEUS BANDEIRA

Receitas contra o "coronavírus econômico"

46

ANTÔNIO AUGUSTO

A eleição presidencial nos Estados Unidos



48

PRÊMIO MULHERES QUE ORGULHAM O BRASIL

Elas fazem a diferença

62

ADEGA

Bordeaux e as uvas que dominaram o mundo



64

MALAS PRONTAS

Uma viagem animal!

66

SÉTIMA ARTE

O Sol é para todos

O Brasil pede união

AVANÇO DO CORONAVÍRUS REQUER ARTICULAÇÃO ENTRE PRESIDENTE, GOVERNADORES E O CONGRESSO EM PROL DA ECONOMIA E DO BEM-ESTAR DA SOCIEDADE

8 DA REDAÇÃO

A LÉM DA CRISE de proporções alarmantes na qual a saúde pública nacional ameaça colapsar, o covid-19 impôs outro imenso desafio ao País: a união entre o presidente da República, os governadores e o Congresso Nacional em defesa do Brasil. Ainda que o relacionamento entre o chefe do Palácio do Planalto, o Poder Legislativo e os gestores estaduais tenha conflitos, e as demandas financeiras e operacionais da pandemia agravem a distensão, é preciso colocar a Nação em primeiro plano. Para isso, diante deste momento de extrema gravidade, cientistas políticos destacam que a harmonia entre eles é essencial para que as medidas necessárias sejam efetivadas, e os impactos do coronavírus na economia, minimizados. Espera-se, portanto, na tomada de decisões, uma aliança pragmática entre o presidente Jair Bolsonaro e os governadores esta-



Harmonia entre os poderes é essencial para minimizar os impactos do coronavírus na economia

duais, especialmente os de São Paulo, João Doria (PSDB), e do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC) – Estados mais afetados pelo covid-19. No enfrentamento à disseminação do vírus, ganhou destaque a postura do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que, entre outras medidas, anunciou a liberação de R\$ 1 bilhão para que Estados e municípios aplicassem em ações de assistência, custeio e abertura de novos leitos.

RESPONSABILIDADE LEGISLATIVA

No atual cenário, de aparente antecipação da corrida presidencial, analistas consideram

ainda mais importante que os gestores públicos atuem com serenidade para que o País atravesse a contaminação da saúde pública e da economia com o menor prejuízo possível. E, no caso dos parlamentares, é fundamental que os trabalhos sejam retomados, em quarentena ou não. Rodrigo Maia (DEM/RJ) e Davi Alcolumbre (DEM/AP), do Senado, têm a missão de garantir a manutenção da agenda prevista para o ano legislativo de 2020 – que previa a votação de reformas.

“Não chegaremos a lugar nenhum desta maneira [*embates entre os poderes*]”, opina o consultor e cientista político Rubens Figueiredo, especialista em marketing político e diretor-geral da consultoria de pesquisa e comunicação Cepac, ao comentar sobre a necessidade de melhor interação entre os poderes para o Brasil superar essa situação sem precedentes.

Ainda é difícil prever as consequências nas atividades econômicas, já que a doença não está controlada e não há estudos com representatividade global. Mas, entre especialistas, não há dúvidas sobre os reflexos negativos nas economias do Brasil e do mundo. Até o fechamento desta edição, no início de abril, a equipe econômica do governo federal havia revisado a previsão do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2020 para 0,002%. Antes do coronavírus, a estimativa era de avanço de 2,1% do PIB neste ano. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que o crescimento mundial em 2020 será menor do que em 2019. O FMI, porém, não arrisca números pois a pandemia ainda está acontecendo, e os efeitos são imprevisíveis. Nos Estados Unidos, o PIB pode encolher até 1,5% em 2020, e o desemprego pode saltar de 3,5% para 7%, segundo projeções do Banco J.P. Morgan divulgadas em março.

Para Figueiredo, a crise exige ainda mais entrosamento entre os poderes a fim de enfrentar as dificuldades que vão além da economia. “Coronavírus mais paralisa decisória é o pior cenário possível. O País precisa de responsabilidade, planejamento e união. O diagnóstico está posto. As forças políticas precisam assumir o desafio.”

VIRAR A PÁGINA

No momento em que o Brasil atravessa delicada fase econômica e necessita aprovar reformas estruturais – Administrativa e Tributária, principalmente – para alavancar a economia e atrair investimentos, especialistas concordam que é necessário aos representantes dos poderes “baixarem a guarda” e, em vez de trocar farpas, promover um pacto para enfrentar a desaceleração econômica mundial e disparar gatilhos para o desenvolvimento da economia brasileira. Segundo Rudá Ricci, mestre em Ciências Políticas e doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp), a conciliação é importante para virar a página da divisão ideológica radical que se formou em território nacional. Para o sociólogo, o papel das instituições é unir os cidadãos com base nos valores sociais hegemônicos. Quando bem alicerçadas nas crenças e nos valores sociais, as instituições geram um ambiente de pacificação e previsibilidade.

“Quando acontece o contrário, como agora, ocorre a deslegitimação das instituições e, no

limite, a ruptura com uma ordem social”, afirma Ricci, ex-consultor da Organização das Nações Unidas (ONU) e presidente do Instituto Cultiva, Organização Não Governamental (ONG) com foco em educação para a cidadania e a participação social. “A ordem social se firma numa espécie de ‘código moral’, no qual todos nós sabemos o que é certo ou errado fazer. Se ele é rompido, ingressamos num mundo da barbárie ou do conflito real. Barrington Moore Jr. [*sociólogo e cientista político norte-americano*] estudou esse fenômeno e sugeriu que essa ruptura seja a base do estopim de rebeliões, revoluções e guerras civis”, alerta.

O exemplo vindo dos Estados Unidos pode servir de inspiração. Lá, a aprovação de um pacote de estímulos de R\$ 10 trilhões só será possível graças à articulação entre democratas e republicanos. A medida vai socorrer os trabalhadores, as empresas e o sistema de saúde.

AGENDA DE PRIORIDADES

Ao lado da saúde, a preocupação global trazida pelo covid-19 é o efeito sobre a economia.

FOTO: MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

Em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro e os ministros de Estado anunciam medidas para enfrentamento da crise provocada pelo covid-19



Em artigo do dia 22 de março no *The New York Times*, o colunista Thomas Friedman questionou o fechamento das empresas na quarentena compulsória, mediante análises médicas que frisam a incerteza a respeito da taxa de mortalidade – que parece girar em torno de 1% ou menos – e que as pessoas não brancas e pobres serão as mais prejudicadas.

Friedman endossou a opinião do médico David Katz, diretor do Centro de Prevenção e Pesquisa da Universidade de Yale. Katz defende que a solução é sair da interdição horizontal, que abrange toda a população, e adotar o conceito de interdição vertical, isolando e protegendo apenas os grupos de risco como idosos e pessoas com doenças crônicas, além dos já contaminados. Nessa ação mais cirúrgica, a população seria liberada depois de duas semanas de isolamento, voltando ao trabalho.

No Brasil, os danos da recessão sobre a saúde dos habitantes encontram amparo no artigo *Effect of economic recession and impact of health and social protection expenditures on adult mortality: a longitudinal analysis of 5.565 Brazilian municipalities*. Por meio de pesquisa em 5.565 municípios brasileiros entre 2012 e 2017, o estudo avaliou a associação entre retração econômica e mortalidade de adultos. O resultado foi o aumento de 8% das mortes no período, com maior incidência entre negros e pardos. Outra conclusão da sondagem é que nos municípios com altos gastos em saúde e assistência social não foram observados aumentos significativos na mortalidade relacionada ao encolhimento da atividade econômica. O documento é assinado pelos especialistas Thomas Hone, Andrew J. Mirelman, Davide Rasella, Rômulo Paes-Sousa, Mauricio L. Barreto, Rudi Rocha e Christopher Millett, vinculados a instituições como o Imperial College London, Centre for Health Economics da Universidade de York, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade de São Paulo e Fundação Getúlio Vargas.

Para Paulo Moura, cientista político pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Falso dilema

O médico e deputado federal Osmar Terra discorda da quarentena compulsória e do fechamento das empresas. “Algumas medidas, como o confinamento das pessoas, não têm efeito prático nenhum”, garante ele, que, além de ex-ministro do Desenvolvimento Social e da Cidadania, atuou, entre 2003 e 2010, como secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, enfrentando a epidemia da gripe suína (H1N1). Terra explica que quando uma epidemia viral surge, com diagnóstico comprovado, já se dissemina muito rápido, porque o vírus é novo, e as pessoas não têm resistência a ele. A epidemia só termina quando mais de metade da população teve contato com o vírus e ficou imunizada. São pessoas que não apresentam sintomas e só vão saber que tiveram contato com o covid-19 se fizerem um teste. “Fechar escolas e shoppings por quatro meses, como tem sido anunciado, é um absurdo, não resolve nada. A epidemia deve terminar aqui no Brasil por volta do início de junho. Mas a economia, sim, vai ficar destruída e faltar arrecadação. Teremos uma recessão importante que vai afetar a eficiência do sistema de saúde, e muita gente vai morrer por falta de recursos públicos”, destaca o deputado.



Entre outras medidas para fazer frente à pandemia, presidente Jair Bolsonaro reforça o Programa Bolsa Família e desonera produtos médicos

(UFRGS) e doutor em Comunicação: “A ideia de quarentena compulsória surgiu para ser aplicada num período limitado de tempo visando a achatar a curva de crescimento da epidemia. O problema é que os governos estão mandando fechar quase tudo sem sinalizar prazo de reabertura”.

Segundo Moura, a falta de perspectiva sobre a retomada das atividades “aumentou o pavor dos empreendedores. Os gestores públicos terão de permitir o funcionamento do mercado para não matar a economia com o suposto remédio para a epidemia. Parece-me que a solução inevitável é o *lockdown* vertical e liberar a economia com medidas contra aglomerações. As pessoas precisam trabalhar para viver. É insano manter tudo parado por tempo indefinido”.

A reabertura dos negócios após 15 dias de quarentena e o isolamento dos grupos de risco também são defendidos pelo médico Fabio A. Jung, pós-doutorado em Medicina no Anderson

Cancer Center de Houston e MBA em Finanças e *health care management* pela Wharton School, da Universidade da Pensilvânia: “Essa ideia necessita ser amplamente discutida e deve ser aperfeiçoada, mas estabelece bases racionais, amparadas em evidência, para rápido retorno da atividade econômica, minimizando os efeitos da recessão sobre os trabalhadores e a população em geral e, ao mesmo tempo, reduzindo a velocidade do contágio nos grupos de maior risco, evitando sobrecarga do sistema de saúde”.

Divergências à parte, tanto nas esferas sanitária quanto econômica, o que se espera é que o Poder Público produza soluções unificadas para o momento. “Essa falta de harmonia é deletéria ao País. É importante que haja respeito e entrosamento entre os Poderes”, afirma Figueiredo. Ele lembra que o clima de animosidade compromete a busca pela retomada do crescimento.



Comunicação política sob estresse social

NÃO SE VENCEM CRISES sem o diagnóstico correto da situação. Se quem decide acerta o diagnóstico, na estratégia passa a pautar a dinâmica dos acontecimentos. Se erra, errará a estratégia e as ações se tornam reativas, erráticas e contraproducentes. Para a comunicação funcionar, é preciso entender que o sentimento dominante do cidadão comum é o medo de morrer e/ou de falir. Para se comunicar de forma eficaz o líder precisa se conectar com esse sentimento, assumindo uma postura autêntica e coerente.

Vejamos a forma como se comunicavam Trump, Bolsonaro e Doria até o dia 24 de março.

A comunicação de Trump é centralizada em entrevistas coletivas. Nelas, ele aparece como coordenador. É dele a fala principal na qual anuncia as medidas do governo. Ele está sempre acompanhado do vice, Mike Pence, coordenador da força-tarefa de combate à epidemia, e de um corpo de técnicos. Na cena, há apenas um púlpito com o escudo nacional. Terminada sua fala, é Trump quem distribui a palavra. Ao final, segue-se a entrevista coletiva. Ao se pro-

nunciar, Trump evidencia a crise econômica e a unidade nacional na luta contra o vírus. Vai além, agradece a oposição pela colaboração, posicionando-se acima das divergências e transmitindo grandeza e humildade. Nos Estados Unidos, em grandes crises, é tradição a unidade do sistema político em torno do governo. Trump convoca a unidade nacional introduzindo na pauta a identificação de um alvo externo a ser combatido: “o vírus é chinês”. Em seguida introduz um ingrediente de esperança na descoberta da medicação eficaz que ele mandou produzir e distribuir.

No Brasil, o governo começou com o formato “padrão” de sua comunicação: lives do presidente; entrevistas presidenciais na porta do Palácio da Alvorada e vídeos nas mídias sociais; paralelamente a isso, cada ministro participava de entrevistas sobre medidas nas suas áreas. No conteúdo, o presidente opta por minimizar a epidemia e preocupa-se com os prejuízos na economia. Até a coletiva de 18 de março essa forma de comunicação evidenciava ausência de estratégia. Nessa coletiva a falha parecia ser corrigida: o presidente aparece numa mesa coordenando seus ministros usando máscaras cirúrgicas.

Bolsonaro abre o evento com um discurso político anunciando medidas e distribui a palavra. Segue-se a coletiva. A fala do presidente mantém a linha de subestimar

o impacto da epidemia e valorizar as más consequências econômicas da crise. A crítica aos ataques de Doria e Witzel é respondida com contra-ataques. A impressão de correção de rumos se desfez na coletiva seguinte na qual, aos poucos, os ministros vão assumindo as respostas sem esperar que o presidente lhes conceda a palavra. Ao final, depois de anunciado o encerramento, o presidente declara que tendo sobrevivido a uma facada não seria uma gripezinha que iria derrubá-lo. Diz isso logo após Mandetta anunciar o colapso iminente do sistema de saúde. Em paralelo, o ministro da Saúde e o presidente seguem com suas próprias ferramentas de comunicação: um com coletivas, o outro com transmissões ao vivo na internet e respostas na porta do palácio. Em 23 de março o governo muda o formato das coletivas para um modelo parecido com o de Doria. Aqui fica evidente que o governo transmite, por atitudes e falas do presidente e dos ministros, ausência de estratégia e de uma mensagem unificada. Na noite de 24 de março, o presidente fez pronunciamento em rede nacional de TV defendendo o isolamento seletivo de vulneráveis, mas dobrando a aposta no conflito com o *establishment*. O presidente parece oscilar entre as orientações de sua assessoria de comunicação e de seu círculo de confiança.

Uma das críticas dirigidas ao governador de São Paulo é a de exagerar no marketing pessoal. Sua comunicação é centralizada em coletivas diárias. Doria comanda o espetáculo num cenário com quatro púlpitos: no primeiro à esquerda fica o prefeito da capital, Bruno Covas; no segundo, o governador, no terceiro o secretário estadual da Saúde, José Henrique Germann Ferreira e no quarto o coordenador da força-tarefa de combate à epidemia, Davi Uip. Doria abre a coletiva com uma fala política e anuncia as ações do dia, por vezes colocando palavras na boca de Covas, cujas medidas guardam coesão com as do governador. Doria e seu ex-vice-prefeito trocam elogios, e o alcaide anuncia as medidas municipais. Em segui-

da, o governador critica duramente o presidente, mas elogia os ministros e concede a palavra aos auxiliares. Na coletiva, a cada pergunta, Doria elogia a mídia e reforça a crítica ao presidente. Sua mensagem privilegia a gravidade da epidemia e coloca a crise econômica em segundo plano.

Um relatório de desempenho de Bolsonaro nas mídias sociais da consultoria Bites de 23 de março revela que ele mantém sua base fiel (dado que coincide com aprovação de 35% de sua atuação no Datafolha da mesma data), mas sua

reprovação cresce numa camada da opinião pública situada fora da bolha dos seus apoiadores. Segundo a Bites, os apoiadores do presidente não estão conseguindo reverter a avalanche negativa da mídia tradicional e os ataques de seus adversários. Isso sugere que a mensagem dos opositores está penetrando na maioria da sociedade e a mensagem do presidente não está; embora as medidas que o governo federal anuncia,

e os ministros, sejam aprovados acima dos índices do presidente segundo o Datafolha. O relatório da Bites, no entanto, sugere que nenhuma liderança da oposição esteja capitalizando o descontentamento com o presidente.

A realidade americana é outra. O levantamento da Gallup nos Estados Unidos, de março, mostra a popularidade de Trump na faixa dos 49% na esteira da aprovação de 60% da sua atuação no combate à crise. Nos Estados Unidos não há guerra política entre governantes. Aqui, a rede de seguidores de Bolsonaro cresce, mas sua rejeição também cresce. O avanço da crise econômica, no entanto, pode reverter essa balança para o lado de Bolsonaro. Ou não. A única certeza é que Bolsonaro jamais poderá ser acusado de não ter coragem.

PAULO G. M. DE MOURA

É mestre em Ciência Política e doutor em Comunicação

Reformas começam a reestruturar o País



FOTOS: FILIPE CARDOSO

UMA ECONOMIA SEM A MARCA DO DIRIGISMO, COM MENOS GASTOS PÚBLICOS, QUEDA DE JUROS E MAIS RECURSOS PARA ESTADOS E MUNICÍPIOS É A FÓRMULA DEFENDIDA PELO MINISTRO PAULO GUEDES PARA A REVITALIZAÇÃO DO BRASIL

SANDRA RODRIGUES

A AGENDA DE MUDANÇAS do governo federal renovou o ânimo da plateia do V Seminário de Abertura do Legislativo 2020, na palestra do ministro da Economia, Paulo Guedes, que encerrou o evento promovido pelo Grupo VOTO, em Brasília, em fevereiro. “É um trabalho bonito, que vai redesenhar a política fiscal e reconfigurar a Federação com mais recursos para Estados e municípios”, definiu o ministro, ao abordar os avanços e os desafios da economia brasileira: “Estamos começando este ano muito melhor do que no ano passado”.

A Reforma da Previdência foi apontada como a principal fonte de descontrole de gastos públicos, que representa R\$ 750 bilhões anuais. “Passado um ano, estamos com um programa que pode economizar de R\$ 800 bilhões a R\$ 1 trilhão nos próximos dez anos”, comemorou Guedes. “Então, um trilhão a menos de privilégios previdenciários, e de transferências diversas de renda, tributando a população.”

O combate ao pagamento dos juros da dívida pública – definida por Guedes como a segunda grande torre a ser derrubada – já está surtindo efeitos. Em 2019, houve uma economia de R\$ 70 bilhões. A previsão para este ano é de menos R\$ 120 bilhões. “Quando você vislumbra um horizonte, dá um R\$ 1 trilhão em dez anos”, estimou, ao relatar a redução do custo da dívida, impulsionada pela queda dos juros básicos da economia. Guedes comentou que os juros da dívida chegaram a R\$ 400 bilhões por ano. “Um país pobre reconstrói uma Europa por ano”, ironizou, ao comparar com o Plano Marshall, no qual os países europeus receberam recursos dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Ele continua: “É inaceitável que R\$ 100 bilhões sejam gastos por ano em juros”.

Guedes lembrou que, no passado, os governos consideravam “normal” os juros elevados. No Plano Real, os juros eram de até 70%. “Era muito bom tomar dinheiro lá fora de 2% a 4% e emprestar aqui a 70%. O setor financeiro



FOTO: WENDEL LOPES

Da esquerda para direita, Angela Miskulin, Laura Regenin, Ministro Paulo Guedes e Karim Miskulin

celebrando e o privado apanhando com a recessão e os juros altos.”

Na opinião do ministro, o Plano Real foi “excepcional” do ponto de vista monetário, mas “precário” no âmbito fiscal: “Se pisar no freio monetário para combater a inflação, mas acelerar o fiscal, os juros vão à Lua”.

Segundo Guedes, o corte de gastos públicos é uma das armas para obter resultados para a redução de juros: “Vamos quebrar o endividamento em bola de neve, quebrar essa dinâmica maldita, perversa, do endividamento”, salientou. O redirecionamento dos bancos públicos também contribuiu: “Desalavancamos os bancos públicos, fazendo com que devolvam recursos para a União com a venda de ativos e desestatizamos o mercado de crédito”.

Sua ambição é inverter o caminho adotado pelas gestões anterior-

res com a abertura da economia, trava no crescimento dos gastos e redução e simplificação de impostos: “É muito difícil de fazer, mas muito simples de compreender o caminho que o governo está seguindo”.

MERITOCRACIA

No ranking dos maiores gastos, o funcionalismo ocupa o terceiro lugar. O remédio proposto é a Reforma Administrativa, sem atingir direitos adquiridos dos servidores públicos. “Estamos projetando um Estado futuro com meritocracia. Em vez de 300 carreiras diferentes, seriam 20 ou 30”, exemplificou Guedes. Nessa linha, quem ingressar no serviço público passará por avaliação durante cinco ou oito anos. A partir daí, poderá conquistar direito a um cargo público com estabilidade.

A urgência na aprovação dessas medidas objetiva aliviar os orçamentos que, no caso de Estados e municípios, têm de 95% a 100% comprometidos com gastos com o funcionalismo.

PACTO FEDERATIVO

Uma das saídas para reerguer a capacidade orçamentária dos Estados e municípios está no pacto federativo da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) n.º 188/2019, em discussão no Senado. “O pacto federativo é uma devolução dos orçamentos públicos à classe política”, afirmou Guedes. A ideia é inverter o fluxo do orçamento, gradativamente, ao longo de oito anos, com mais recursos para esses entes federativos e menos para a União. “Em vez de de 70% para a União e 30% para Estados e municípios, passará a ser 70% para Estados e municípios e 30% para a União.”

O pacto federativo prevê que os entes possam acionar estado de emergência fiscal para frear a escalada de gastos públicos, como aumentos salariais, até estabilizar a situação financeira. “Em vez de crises de até 15 anos para combater a inflação, com Estados quebrados, ninguém mais ficaria em crise”, disse o ministro, para quem a crise termina com a expectativa de crescimento do País, inflação controlada, juros baixos e aumento das receitas.

“Vamos deixar para as próximas gerações a cultura da responsabilidade fiscal”, disse Guedes, como legado do pacto federativo. Segundo ele, apesar da Lei de Responsabilidade Fiscal, não há essa cultura

Histórico de retração

Tragédia brasileira. É assim que o PhD em Economia pela Universidade de Chicago e professor da PUC-Rio e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), nomeou a perda do dinamismo econômico. Segundo ele, ao longo de dois terços do século 20, o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo, em torno 7,5% ao ano. “Era o que mais atraía gente do mundo inteiro”, disse, citando as imigrações alemã, italiana e japonesa. Depois, entrou em declínio, com inflação, criação de estatais e gastos públicos em escalada que atingiu 45% do PIB no governo Dilma. O percurso deixou na Nação “as digitais do dirigismo”. Para corrigir o rumo, Guedes foi enfático: “O Brasil crescia mais quando era livre, com os estrangeiros empreendendo. A engrenagem econômica tem que ser solta”.

no Brasil, a julgar pela situação precária das finanças de Estados e municípios.

A proposta de pacto federativo inclui a criação do Conselho Fiscal da República, formado pelos presidentes da República, da Câmara e do Senado, do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal de Contas da União, além de alguns governadores e prefeitos. Caso aprovado, o grupo fará reuniões trimestrais para acompanhar as contas das unidades da Federação e municipais.

O reequilíbrio do balanço patrimonial da União está na lista de objetivos da política econômica, com previsão de venda de imóveis da União e de estatais: “Temos R\$ 1 trilhão em imóveis e outro R\$ 1 trilhão em empresas. Vamos vender uma parte e fazer uma reparação no patrimônio”.

MIGRAÇÃO

A falta de oportunidades no Brasil que resulta na migração para outros países em busca de melhores condições de vida foi avaliada com tristeza. “Hoje mandamos nossos jovens para o mundo inteiro. Estão indo, de todas as classes sociais, fazer algo fora. Antes, eram os filhos da classe média alta que iam estudar lá fora. Agora, o filho do chofer de táxi prefere entregar pizza em Barcelona ou cartas em Boston”, lamentou Guedes, ao admitir consequências do baixo crescimento e da escassez de empregos no Brasil.

Ao agradecer ao ministro, a diretora-executiva do Grupo VOTO, Karim Miskulin, reconheceu o trabalho desenvolvido pelo governo até agora: “Agradecemos pela coragem e o seu desprendimento de deixar de curtir anos dourados da vida para lutar por um Brasil mais justo, próspero, competitivo, melhor para todos”.

Contra a pandemia: mais recursos

DA REDAÇÃO

“NENHUM brasileiro será deixado para trás”, garantiu o ministro da Economia, Paulo Guedes, em teleconferências com executivos do mercado financeiro e políticos, no fim de março. A promessa é lastreada por um conjunto de medidas econômicas que o governo federal anunciou para combater os prejuízos da pandemia de covid-19. O pacote deve gastar até 5% do Produto Interno Bruto (PIB) neste ano, num total de R\$ 750 bilhões injetados, até junho, em vários setores.

“Para o empresário, dizemos: ‘Calma, não demita’. Vamos liberar todos os recursos necessários e não deixaremos faltar liquidez na economia”, garantiu Guedes.

Entre todas as ações implementadas, a de impacto mais imediato

deve ser o “coronavoucher”, pagamento de R\$ 600 para trabalhadores informais, desempregados e microempreendedores individuais que obedeçam a critérios específicos de renda. As trabalhadoras informais que forem mães e chefes de família podem sacar R\$ 1,2 mil e cada família tem direito a dois pagamentos, no máximo. Cálculos da Instituição Fiscal Independente (IFI), ligada ao Senado, apontam que o auxílio emergencial, a ser pago em três parcelas mensais, totaliza aproximadamente R\$ 59,8 bilhões. Segundo a IFI, 30,8 milhões de trabalhadores informais podem ser beneficiados.

Para facilitar a concessão de crédito pelos bancos, o Banco Central (BC) mudou as regras dos depósitos compulsórios, que são parte do di-

nheiro das contas que as instituições financeiras são obrigadas a remeter ao BC. Com isso, R\$ 135 bilhões foram liberados para empréstimos.

Houve a antecipação do pagamento do décimo terceiro salário dos pensionistas do INSS, em abril. Com a segunda parcela paga em maio, o total alcança R\$ 46 bilhões disponibilizados. Já o adiantamento do abono do PIS, marcado para junho, trará outros R\$ 12,8 bilhões para o cotidiano dos brasileiros. A conta aumenta com a transferência dos recursos não resgatados de PIS/Pasep para o FGTS, num montante de R\$ 21,5 bilhões.

Guedes anunciou crédito de R\$ 88 bilhões para as unidades da Federação via Fundo de Participação dos Estados (FPE) e Fundo de Participação dos Municípios (FPM), além de suspensão da cobrança da dívida desses entes e transferências para as áreas de saúde e assistência social.

Os recursos destinados ao Programa Bolsa Família foram ampliados em R\$ 3 bilhões. O reforço garantiu recursos para a inclusão de 1,2 milhão de lares, totalizando 14,2 milhões de famílias em abril, um recorde do programa, segundo o Ministério da Cidadania.

O governo autorizou que as empresas deixem de recolher o FGTS durante três meses, em uma decisão cujos recursos alcançam R\$ 30 bilhões. A medida não prejudicará o recebimento dos valores pelos trabalhadores. Outros R\$ 22 bilhões virão da suspensão do pagamento do Simples Federal pelo mesmo período.

Para as micros e pequenas empresas, Guedes frisou a oferta de R\$ 5 bilhões de crédito vindos do Programa de Geração de Renda (Proger)

FOTO: FILIPE CARDOSO



Ações nas áreas trabalhista, tributária, de crédito e em legislação foram apresentadas pelo governo federal para garantir liquidez à economia

e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), além da redução pela metade das contribuições do Sistema S, em abril, maio e junho. Houve ainda a transferência do saldo do seguro de Danos Pessoais por Veículos Automotores Terrestres (DPVAT) para o Sistema Único de Saúde (SUS), no total de R\$ 4,5 bilhões.

Poderá chegar a R\$ 40 bilhões (R\$ 20 bilhões por mês) a linha de crédito criada para empresários honrarem a folha de pagamento. A medida deve beneficiar em torno de 1,4 milhão de empresas e 12,2 milhões de trabalhadores.

Segundo o ministro, a maior parte do dinheiro – ao redor de 85% – será desembolsada pelo governo federal e, 15%, pelos bancos privados.

Guedes lembrou ainda que o governo zerou impostos para importação de produtos de uso médico-hospitalar até o fim do ano e desonerou o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para bens importados que estejam na lista dos itens necessários para o combate ao covid-19.

Nas teleconferências, o ministro da Economia se mostrou confiante sobre a retomada do crescimento econômico depois da quarentena compulsória. Disse que para fazer frente ao “meteoro que é o vírus”, foi aprovada uma série de medidas para ajudar os Estados e municípios, além de fortalecer o sistema de saúde nacional, garantindo os recursos necessários para combater a crise. Para ele, 2020 é um “ano excepcional, no qual será necessário gastar mais”, para que o País não fique completamente parado por meses. E voltou a reafirmar seu compromisso com as reformas: “Serão necessárias para garantir o futuro do País”.

País avança na infraestrutura

O MINISTRO TARCÍSIO GOMES DE FREITAS PARTICIPA DE EVENTO PROMOVIDO PELO GRUPO VOTO E DETALHA PROGRAMA DE CONCESSÕES CUJOS INVESTIMENTOS SOMAM R\$ 231 BILHÕES ATÉ 2022

MARCUS LOPES



FOTOS: FILIPE CARDOSO

A PÓS DÉCADAS DE ATRASO, o Brasil busca ações consistentes e duradouras para resolver os históricos gargalos de infraestrutura que inibem os investimentos e prejudicam a população em áreas essenciais, como saneamento básico e transportes. Para isso, um ambicioso programa de concessões e desestatizações, promovido pelo governo federal desde o ano passado, começa a sair do papel e a destravar investimentos públicos e privados em um campo crucial para o crescimento da economia nos próximos anos.

“Em 2019, tivemos um ano muito interessante em relação à infraestrutura brasileira, e isso deve continuar em 2020”, explicou o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, durante o V Seminário de Abertura do Legislativo 2020, promovido pelo Grupo VOTO.

Freitas explicou que, apenas no ano passado, foram realizados 27 leilões de ativos pelo governo federal, entre rodovias federais e aeroportos. Entre eles: os terminais aéreos de Aracaju (SE), Maceió (AL), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE). Os leilões fazem parte do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), criado pelo

Executivo em 2016 com o objetivo de fortalecer a relação entre o Estado e a iniciativa privada por meio da aceleração de contratos e outros mecanismos de desestatização.

“Já estamos colhendo os frutos da transferência de ativos para a iniciativa privada, e os resultados na Rodovia de Integração do Sul mostram que estamos no caminho certo. O programa [de concessões], além de melhorar nossas estradas e aumentar a segurança viária, libera recursos federais para que possam ser investidos em outros pontos estratégicos da infraestrutura federal”, afirmou Gomes de Freitas.

Entre os investimentos realizados diretamente em infraestrutura pela esfera federal no ano passado, um dos destaques foi a conclusão da pavimentação da BR-163, que liga Sinop (MT) e Miritituba (PA). Segundo maior corredor logístico do País, a rodovia é vital para escoamento de grãos produzidos no Centro-Oeste e encaminhados para os portos da Região Norte. Foram investidos R\$ 158 milhões para o asfaltamento do trecho de 51 quilômetros entre Moraes Almeida (PA) e Novo Progresso (PA), que ainda era de terra e praticamente intransitável nos períodos de chuva, prejudicando os transportes de soja e milho destinados à exportação via porto de Miritituba. Inaugurado em fevereiro, esse segmento é trajeto obrigatório para aproximadamente 6 mil caminhões por dia.

“O reflexo da pavimentação [da BR-163] foi imediato. Os caminhões conseguem fazer três, quatro ou cinco viagens a mais por mês. Também houve efeito no preço do frete, que está até 15% menor”, disse o ministro Freitas, durante evento do Grupo VOTO. O valor do frete leva em conta fatores como distância percorrida e condições das rodovias. Assim, a viagem fica mais barata, porque o caminhoneiro consegue fazer o mesmo trajeto mais vezes em uma estrada com boas condições de tráfego, além de reduzir os custos de manutenção do caminhão.

UMA OBRA POR SEMANA

Para 2020, de acordo com o ministro da Infraestrutura, estão previstos 44 novos lei-



Ministro Gomes de Freitas conversou com jornalistas dos principais veículos de comunicação no evento do Grupo VOTO

lões de ativos para o setor privado, entre rodovias, portos e aeroportos espalhados por todo o País. Em fevereiro, foi realizado o primeiro leilão de rodovias deste ano pela atual gestão federal. Trata-se de um trecho de 220 quilômetros da BR-101, em Santa Catarina, entre os municípios de Paulo Lopes e a divisa com o Rio Grande do Sul. O Grupo CCR vai administrar a rodovia por 30 anos e terá que fazer investimentos na ordem de R\$ 7,4 bilhões.

Também está prevista a inauguração de, pelo menos, 52 obras de infraestrutura pelo governo federal em 2020. “Vamos entregar uma obra por

semana”, previu Gomes de Freitas. Algumas já foram entregues, como a alça de acesso da Ponte Rio-Niterói para a Linha Vermelha, no Rio de Janeiro. A obra foi inaugurada em fevereiro. No total, foram investidos R\$ 230 milhões na construção do viaduto, que deve receber em torno de 15 mil veículos diariamente e aliviar o trânsito na saída da ponte e na Avenida Brasil.

A participação da iniciativa privada é considerada essencial para recuperar anos de atraso em investimentos na infraestrutura brasileira. “Nos últimos dez anos, o Brasil investiu em infraestrutura pouco mais de 2% do Produto Interno Bruto [PIB]. Outros países, mesmo aqueles em desenvolvimento, investiram pelo menos 5% do PIB em infraestrutura”, disse o presidente da Eletrobras, Wilson Ferreira, presente no painel do seminário sobre infraestrutura.

A privatização da Eletrobras é uma das metas do governo federal para alavancar os investimentos no setor elétrico. A companhia estatal, responsável por um terço da geração de energia elétrica no País e cerca de 40% da transmissão de energia, necessita de aproximadamente R\$ 15 bilhões por ano em investimentos, na próxima década, para conseguir manter o seu mercado atual. “No ano passado, conseguimos investir R\$ 3,6 bilhões, assim mesmo com toda a reestruturação que fizemos na companhia”, destacou Ferreira, sobre a necessidade de injeção de capital privado na Eletrobras. O setor de energia (como um todo), segundo ele, necessita de R\$ 480 bilhões em investimentos, nos mercados de geração e transmissão, nos próximos dez anos.

INCENTIVO À TECNOLOGIA

A melhoria da infraestrutura brasileira também está ligada ao avanço da tecnologia,

Obras por todo lado

Rio, terra, céu e mar. Esse é o lema do programa de concessões e privatizações do Ministério da Infraestrutura, cuja carteira de projetos é de aproximadamente R\$ 231 bilhões em investimentos até 2022, divididos da seguinte maneira: R\$ 147,2 bilhões (rodovias), R\$ 64,8 bilhões (ferrovias), R\$ 13,7 bilhões (aeroportos) e R\$ 5,1 bilhões (portos). Na área de rodovias, estão previstas concessões importantes, como as BRs-153/080/414, entre Anápolis (GO) e Aliança do Tocantins (TO). Com 850 quilômetros, trata-se de outro importante corredor de escoamento de grãos na região. Ainda no Centro-Oeste, está prevista a concessão da BR-163, de Sinop (MT) a Miritituba (PA). Neste ano também deve ser realizado o leilão de renovação de outra estrada importante, a Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro.

Em relação às ferrovias, um dos principais destaques é o leilão para construção e operação da ferrovia entre Sinop (MT) e Miritituba (PA). Com 933 quilômetros de extensão e R\$ 7,3 bilhões de investimentos, a “Ferrogrão”, como é chamada, é antiga reivindicação das grandes corporações multinacionais agrícolas e dos produtores do Centro-Oeste para baratear o frete da produção até o porto de Miritituba, no Pará. Outra concessão importante é a malha paulista de ferrovias, que facilita o transporte de mercadorias por trilhos pelo interior do Brasil, em especial das regiões Sudeste e Centro-Oeste, ao Porto de Santos (SP).

Trabalho e resultados

Formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, com Engenharia Civil pelo Instituto Militar de Engenharia (IME), o carioca Tarcísio Gomes de Freitas, de 43 anos, foi nomeado ministro da Infraestrutura por Jair Bolsonaro no começo do mandato presidencial. De perfil discreto e essencialmente técnico, é elogiado com frequência pelo chefe do Executivo por causa dos bons resultados conquistados pela pasta da Infraestrutura, uma das principais e mais complexas da Esplanada dos Ministérios. Servidor público com ampla experiência no governo federal, Gomes de Freitas passou pelos governos de Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB). Foi nomeado para a chefia do Departamento Nacional

de Infraestrutura de Transportes (Dnit) em 2011, no governo Dilma, que prometia uma “faxina” no órgão após revelação de esquemas de corrupção. Na época, Gomes de Freitas era funcionário de carreira da Controladoria-Geral da União (CGU) e considerado um profissional de perfil técnico e muito eficiente em suas funções.

Durante a administração de Temer, trabalhou na Secretaria Especial do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI). Com a nomeação no governo Bolsonaro, diante dos bons resultados obtidos, passou a integrar a categoria de “superministro” do governo, ao lado dos colegas da Economia, Paulo Guedes, e da Justiça, Sérgio Moro.

Lacunas nacionais

Para resolver os problemas infraestruturais, o Brasil deve investir em torno de R\$ 9 trilhões nos próximos 20 anos.

O cálculo é de especialistas do setor, com base no atraso histórico de recursos destinados ao transporte, energia, logística, saneamento básico e telecomunicações.

Em 2018, os investimentos em infraestrutura somaram 1,82% do Produto Interno Bruto (PIB), diante de 1,69% investido no ano anterior (2017). Apesar da melhora, o montante do PIB aplicado na mesma área em 2018 – cujos valores somam R\$ 124,2 bilhões – ainda está muito abaixo do necessário para eliminar os gargalos estruturais e reduzir o custo Brasil. Os dados são do Ministério da Infraestrutura (Minfra) e de um estudo preparado pela Inter.B Consultoria Internacional de Negócios, especialista em estudos de infraestrutura.

“A competitividade da nossa indústria foi afetada pela (má) qualidade da infraestrutura. Temos a oitava economia do mundo, mas a 80ª em competitividade. Isso se deve ao conjunto de gargalos nessa área”, disse o presidente da Eletrobras, Wilson Ferreira.

“A infraestrutura brasileira é bastante deficiente, resultado das faltas de planejamento e estratégia de longo prazo que sejam capazes de definir o rumo do desenvolvimento nacional”, afirma o presidente-executivo da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB), Venilton Tadini.

27

LEILÕES DE ATIVOS EM 2019

44

NOVOS LEILÕES DE ATIVOS EM 2020 (RODOVIAS, PORTOS E AEROPORTOS)

R\$ 147,2 bilhões

PARA RODOVIAS

R\$ 158 milhões

INVESTIDOS NO ASFALTAMENTO DA BR-163

473,4 km

CONCEDIDOS DA RODOVIA DE INTEGRAÇÃO DO SUL

R\$ 230 milhões

PARA CONSTRUÇÃO DA ALÇA DE ACESSO DA PONTE RIO-NITERÓI PARA A LINHA VERMELHA, NO RIO DE JANEIRO

R\$ 64,8 bilhões

PARA FERROVIAS

R\$ 13,7 bilhões

PARA AEROPORTOS

R\$ 5,1 bilhões

PARA OS PORTOS

essencial no desenvolvimento de grandes projetos, assim como para atrair investidores, principalmente estrangeiros. O deputado federal Vinícius Poit (Novo/SP) destacou a necessidade de incentivo a projetos ligados à área de telecomunicações. Uma das propostas é a aprovação do Projeto de Lei Complementar n.º 146/19, que é uma das leis que pretende agilizar a regulamentação de startups em trâmite na Câmara dos Deputados.

“Costumamos dizer que, com esse projeto, vamos fornecer a infraestrutura para os empreendedores em tecnologia”, ressaltou Poito, durante o seminário do Grupo VOTO, no qual dividiu o painel sobre infraestrutura com os ou-

tros palestrantes, como o ministro, Gomes de Freitas, a deputada federal Bia Kicis (PSL/DF) e o CEO da Verde Ghaia, Deivison Pedroza.

Ao tratar sobre sustentabilidade, Pedrosa lembrou que o desenvolvimento do País é compatível com a preservação ambiental. “O conceito de sustentabilidade não pode ser apenas a visão ambiental xiita”, explicou. O ministro da Infraestrutura explicitou a concordância com a visão harmônica: “Nosso desenvolvimento e necessidade de infraestrutura são conciliáveis com a questão de preservação do meio ambiente”.

BAH RESTAURANTE



Mudança de rota e desafios para o futuro

APÓS UM ANO DE MANDATO DA LEGISLATURA MAIS RENOVADA DA HISTÓRIA DO CONGRESSO, LÍDERES COMEMORAM APROVAÇÕES DE LEIS QUE REORGANIZAM AS CONTAS PÚBLICAS E MIRAM OS PRÓXIMOS PASSOS PARA CONSOLIDAR A AGENDA LIBERAL

FILIPE LOPES

EM 2013, OS BRASILEIROS PEDIRAM mudanças. Nas eleições de 2018, elas vieram com a maior votação no Congresso Nacional desde 1990: dos 513 parlamentares eleitos, 269 eram estreantes. Desde 2019, o País vive rupturas em quase 20 anos de políticas públicas intervencionistas. Foram aprovadas a Reforma da Previdência e a Lei da Liberdade Econômica; o programa de concessões e desestatização mostra fôlego; houve diminuição de ministérios; e, para este ano, o governo federal quer aprovar o novo pacto federativo para reorganizar as relações dos Estados e municípios com a União, além das reformas Administrativa e Tributária.

Diante do esforço dos novos atores políticos para tornar o Brasil mais moderno e conectado com o mercado mundial, cresce o otimismo dos empresários e investidores estrangeiros. No V Seminário de Abertura do Legislativo 2020, realizado em Brasília pelo Grupo VOTO, o ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, afirmou que o ingresso de valores liberais trouxe mais confiança aos investidores, que injetaram, em 2019, cer-



FOTO: WENDEL LOPES

Principais conquistas de 2019

EMENDA CONSTITUCIONAL N.º 103/19 (REFORMA DA PREVIDÊNCIA) – modernizou as regras das relações de trabalho e regularizou atividades que antes estavam à margem da legislação

LEI N.º 13.874/19 (LEI DA LIBERDADE ECONÔMICA) – conhecida como a “Segunda Reforma Trabalhista”, trouxe garantias de livre-mercado para as empresas

LEI N.º 12.846/19 (LEI ANTICORRUPÇÃO) – trata da responsabilizações objetivas administrativa e civil de empresas pela prática de atos contra a administração pública, nacional ou estrangeira

LEILÕES – o governo federal conseguiu realizar leilões para 47 projetos (14 projetos de energia, 13 terminais portuários, 12 aeroportos, 4 de óleo e gás, 1 ferrovia, 1 rodovia e Loteria Instantânea Exclusiva – Lotex)

PRÓXIMAS METAS

REFORMA ADMINISTRATIVA – considerada fundamental para reequilibrar os gastos públicos, a reforma segue como prioritária para diminuir o tamanho do Estado

REFORMA TRIBUTÁRIA – deve-se unificar as PECs n.º 45/19 e n.º 110/19, que tramitam na Câmara e no Senado, respectivamente, para simplificar o sistema tributário

NOVO PACTO FEDERATIVO – busca reestruturar as finanças de Estados e municípios

LEILÕES – o governo federal espera realizar outros 64 projetos de desestatização neste ano

ca de R\$ 500 bilhões em leilões federais: “A meta para 2020 é superar largamente esse valor e continuar realizando as reformas necessárias para diminuir os gastos públicos e aumentar a eficiência dos serviços públicos”.

Novas lideranças políticas também participaram do evento, como o deputado federal Marcel Van Hattem (Novo/RS). Para ele, o parlamento teve papel relevante em 2019, quando esteve em curso um processo de ruptura com a política tradicional: “Mesmo com aprovação da Reforma da Previdência com ressalvas, conseguimos avançar na pauta liberal, que garante os direitos fundamentais dos cidadãos e diminuiu o tamanho do Estado”.

Segundo o deputado federal Felipe Rigoni (PSB/ES), as reformas Administrativa e Tributária são fundamentais para tornar as contas públicas sustentáveis e melhorar o ambiente de negócios. Ele defende ainda que a agenda da educação também deve ter prioridade. “Temos de atacar privilégios dos diversos poderes, pois é um absurdo mantê-los enquanto existem 12 milhões de desempregados, mas temos que olhar para os jovens que estão em situação de ‘nem-nem’, nem estudam nem trabalham. É preciso renovar o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) e investir em educações técnica e profissional para encaminhar essas pessoas.”

A retomada da confiança pelos brasileiros foi destacada como ponto positivo de 2019 pela deputada federal Paula Belmonte (Cidadania/DF): “Vivemos em um país muito desigual, e se quisermos recuperar a moral, a ética e a cidadania, temos que estar todos juntos, independentemente da política”.

O deputado federal Pedro Bezerra (PTB/CE) destacou a importância de as lideranças políticas discutirem problemas graves, como a questão da educação midiática – que, assim como as reformas estruturantes, serão importantes para o desenvolvimento: “Vivemos em uma sociedade que recebe um volume enorme de informações, e é importante que as pessoas saibam se informar de maneira correta e sejam críticas, para que os políticos não sejam apenas celebridades descoladas da realidade”.

Rumos para um Brasil competitivo

LIDERANÇAS POLÍTICAS E EMPRESARIAIS DEBATEM AS REFORMAS FUNDAMENTAIS PARA RECOLOCAR O PAÍS NO CAMINHO DO CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL

FILIPPE LOPES

A PREOCUPAÇÃO COM O CAOS do sistema tributário nacional e a necessidade de uma reforma administrativa foram discutidas por empresários, políticos e formadores de opinião no painel “Reformas prioritárias para um Brasil moderno e competitivo”, ocorrido no V Seminário de Abertura do Legislativo 2020, realizado em Brasília pelo Grupo VOTO, que contou com o patrocínio de EMS Farmacêutica, Solví Ambiental, RV Ímola, Grupo Carrefour Brasil, Souza Cruz e Verde Ghaia.

O sistema de arrecadação de impostos exhibe complexidade inédita em países desenvolvidos ou emergentes, o que dificulta a segurança jurídica nas empresas e exige investimentos para acompanhar as alterações das leis. Em pouco mais de 30 anos, a legislação tributária sofreu 390 mil modificações e chegou ao recorde de 35% do Produto Interno Bruto (PIB), um dos maiores do mundo.

Segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Carlos Moraes, a Reforma Tributária deve ser aprovada neste ano para recolocar o Brasil nos trilhos do crescimento: “O sistema atual destrói empregos, é complexo e nos impõe uma carga tributária que chega a 40% em muitos segmentos da indústria. O problema existe, fazemos parte dele e queremos ajudar a resolvê-lo.”



Apesar de nenhuma proposta de Reforma Tributária prever redução da carga de impostos, tanto a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 45 quanto a PEC 110 [ver box] pretendem simplificar o sistema e torná-lo menos burocrático e custoso às empresas. Isso porque muitos Estados e municípios endividados dependem dos recursos para pagar o funcionalismo público.

Segundo o deputado federal, Filipe Barros (PSL/PR), o novo pacto federativo proposto pelo governo federal será fundamental para dar mais autonomia aos governantes: “Temos de reduzir a máquina pública – que é ineficiente – e também garantir que Estados e municípios sejam independentes. Nesse sentido, o pacto federativo será importantíssimo.”



Além das mudanças tributárias e administrativas, participantes lembraram a relevância da educação

De acordo com o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB/RS), “para que a reforma tributária seja efetiva, primeiro, é necessária a reforma administrativa para reduzir os gastos públicos”. Ele lembrou a reforma que fez na Previdência gaúcha – cujo déficit somava R\$ 12 bilhões – e foi considerada a mais profunda do País.

EDUCAÇÃO E COMPETITIVIDADE

Outra área que gera preocupação entre empresários e políticos é a educação. Segundo o presidente do conselho de administração do Grupo Gerdau e do Movimento Brasil Competitivo, Jorge Gerdau Johannpeter, as reformas Administrativa e Tributária são importantes, mas no longo prazo o que fará, de fato, a diferença no Brasil será a eficiência do Estado em formar cidadãos capacitados: “É um pecado o que estamos fazendo com a educação. Ainda formamos analfabetos funcionais. Daqui a 15 anos vamos pagar por isso.”

FOTOS: WENDEL LOPES

Saída pela simplificação

Existem duas propostas de Reforma Tributária em tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado. A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n.º 45/19, de autoria do deputado federal, Baleia Rossi (MDB/SP), pretende simplificar o sistema tributário nacional, unificando os impostos sobre o consumo (PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS) no Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), que seria arrecadado pela União e repartido com Estados e municípios. Também seria criado o Imposto Seletivo (IS), de competência federal, para onerar a produção de bens e serviços geradores de externalidades negativas, como fumo e bebidas alcoólicas. No Senado, a PEC n.º 110/19 também pretende unificar os impostos sobre o consumo (incluindo IOF, Salário-Educação e Cide-Combustíveis) e criar um IBS e um IS. A diferença em relação à PEC n.º 45 é que o IBS seria de competência estadual e não repartido entre os entes. Além disso, o Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos (ITCMD) – atualmente de competência estadual – se tornaria federal, mas com receita destinada aos municípios. A Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) seria extinta, passando a ser incorporada pelo Imposto de Renda (IR), que teria alíquotas ampliadas.

Soluções integradas para o desenvolvimento

OS GARGALOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL, A ECONOMIA VERDE E A MÁ QUALIDADE DA SAÚDE FORAM ALGUNS DOS TEMAS DOS PAINÉIS DOS EVENTOS REALIZADOS PELO GRUPO VOTO EM BRASÍLIA E NO RIO DE JANEIRO

SANDRA RODRIGUES

FORMAÇÃO PROFISSIONAL, alinhada às inovações da tecnologia, ainda é uma realidade distante da maior parte dos brasileiros, assim como soluções adequadas para o descarte do lixo e a melhoria da saúde pública. Na opinião de lideranças políticas e empresariais, que debateram esses temas durante o V Seminário de Abertura do Legislativo 2020, em Brasília, faltam políticas públicas e leis específicas.

No painel “Inovação e tecnologia para transformar o futuro do Brasil”, representantes do governo federal e empresários concordaram que profissionais capacitados e mais investimentos públicos e privados são os requisitos para o futuro. O secretário especial de Gestão, Desburocratização e Governo Digital, Paulo Uebel, reiterou que a atual gestão quer mais qualidade de serviços ao cidadão. “O Brasil tem carga tributária de nação desenvolvida, mas entrega serviços de emergente”, disse, ao comentar que o governo já transformou mais de 500 serviços. “Precisamos fazer muito mais na automatização de processos, integrar sistemas e higienizar base de dados”, afirmou o secretário.



FOTOS: GABRIEL ANDRADE; WENDEL LOPES

Ministro Ricardo Salles, abaixo à esquerda, integrou painel sobre Economia Verde com Stéphane Engelhard (vice-presidente do Grupo Carrefour Brasil), deputados federais Arnaldo Jardim (Cidadania/SP), Alceu Moreira (MDB/RS) e Luiz Gonzaga (presidente da Abetre). Marcos Troyjo (secretário Especial de Relações Internacionais e Comércio Exterior), acima, debateu inovação e tecnologia com Marco Stefanini (CEO da Stefanini Solutions), Paulo Uebel (secretário Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital), Marco Alexandre (CEO da GFT) e Laércio Albuquerque (presidente da Cisco)

Sustentabilidade

O Brasil produz 79 milhões de toneladas de lixo ao ano e tem 3.257 lixões. “Número vergonhoso”, definiu o presidente da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos e Efluentes (Abrelpe), Luiz Gonzaga Alves Pereira, no painel “Economia verde e os desafios ambientais no Brasil”.

O vice-presidente do Grupo Carrefour Brasil, Stéphane Engelhard, destacou o esforço da empresa na busca de soluções para desmatamento, mudanças climáticas e descarte de resíduos sólidos. O deputado federal Arnaldo Jardim (Cidadania/SP) lembrou a importância de a legislação ambiental oferecer vantagens competitivas no estímulo à preservação. Já o deputado federal Alceu Moreira (MDB/RS) alertou para a necessidade de inteligência e planejamento estratégico de comunicação para expor o tema.

Na palestra de abertura, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, abordou a Amazônia e frisou que “temos que cuidar dessa floresta não só porque o mercado internacional valoriza, mas porque é nosso patrimônio”.

Epidemia de drogas

A disseminação do uso de drogas no País foi comparada a uma “catástrofe” pelo então ministro da Cidadania e atual deputado federal Osmar Terra (MDB/RS), no painel “Os desafios para alcançar a excelência na saúde”. Terra, que é médico, frisou que a “epidemia das drogas” está crescendo também por falta de política pública e de legislação. “É a maior causa de mortes em jovens, direta ou indiretamente.”

O também médico Raul Cutait, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), citou as deficiências da formação profissional diante da proliferação das faculdades de Medicina: “Até 2010, tínhamos 200 escolas da área no País. Na última década, foram criadas mais de 140”. Preocupado com a qualidade da formação do médico, propõe exames similares ao aplicado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) para avaliar os recém-formados.

Já o diretor de assuntos corporativos da Ferrero, Fernando Careli, citou a experiência produtiva da Itália no combate à obesidade por meio de campanhas de educação, de forma holística, e mediante parcerias com o setor privado. Segundo Careli, o desafio de grande parte dos países está no combate às doenças não transmissíveis (câncer, diabetes, obesidade), que causam 70% dos óbitos no mundo. Para o CEO da RV Ímola Logística, Roberto Vilela, investir em tecnologia para controle de qualidade é importante na diminuição de gastos com saúde e na prevenção de desperdício de medicamentos na cadeia produtiva.



Acima, o deputado federal Osmar Terra (MDB/RS), ex-ministro da Cidadania e médico, integrou o painel que debateu saúde com Roberto Vilela (CEO da RV Ímola Logística), Fernando Carelli (diretor de assuntos corporativos da Ferrero) e o também médico Raul Cutait. Painel do Brasil de Ideias no Rio de Janeiro contou com Edson Vismona e Rogério Marinho e foi mediado por Karim Miskulin, diretora-executiva da VOTO

Da esquerda para a direita:
Marcos Troyjo, Eduardo Maia Bettini,
Karim Miskulin e Paulo Uebel

O fundador do grupo Stefanini, Marco Stefanini, enfatizou a falta de recursos para a pesquisa. Segundo ele, o Brasil investia 1% do Produto Interno Bruto (PIB) em ciência e tecnologia em 1992. Em 2018, manteve 1%. A China subiu de 0,2% para 2,3% no mesmo período, e a Coreia do Sul, 4,5%: “Com a alta carga tributária no Brasil, não sobra dinheiro para empresas investirem”.

FALTAM PROFISSIONAIS

“O País precisa investir em um exército de programadores, conhecedores de redes e de empreendedorismo”, afirmou o presidente da Cisco, Laércio Albuquerque. “No futuro, todas as carreiras profissionais precisarão conhecer tecnologia da informação”, garantiu o CEO da empresa GFT, Marco Alexandre. Ele criou o projeto Meu Futuro Digital, que identifica jovens talentos em tecnologia e os treina para o mercado de trabalho.

Para o secretário especial de Relações Internacionais e Comércio Exterior, Marcos Troyjo, o Brasil poderá se posicionar como *pool* de talentos em tecnologia e inteligência artificial na América Latina se investir na formação especializada. Promovido pelo Grupo VOTO, o V Seminário de Abertura do Legislativo 2020 teve os patrocínios de EMS Farmacêutica, Solvi Ambiental, RV Ímola, Carrefour Brasil, Souza Cruz e Verde Ghaia.

FOTOS: GABRIEL ANDRADE; WENDEL LOPES

Brasil de ideias

Aprovar a Reforma Administrativa, entre outros projetos essenciais, foi uma das metas destacadas pelos secretários do governo Bolsonaro no seminário Brasil de Ideias, realizado pelo Grupo VOTO, em janeiro. O evento reuniu lideranças da gestão federal e da iniciativa privada, no Rio de Janeiro. Os representantes do Executivo também asseguraram que houve conquistas e crescimento sólido no primeiro ano de governo. “O Brasil está tendo a chance de se redefinir, de se redesenhar. Não podemos desperdiçar isso”, disse o então secretário especial da Previdência e do Trabalho, Rogério Marinho, atual ministro do Desenvolvimento Regional. Troyjo destacou o acordo com a União Europeia como determinante para o Mercosul no ano passado. Para ele, as reformas a serem feitas em 2020 serão produtivas: “Resultarão em ganhos de credibilidade e de competitividade”. A Reforma Administrativa é o desafio para este ano, no entender do secretário Paulo Uebel: “Ou enfrentamos esse desafio ou não seremos competitivos”. Na área de segurança, o coordenador-geral de Fronteiras do Ministério de Justiça, Eduardo Bettini, citou ações desenvolvidas para coibir o contrabando e os tráficos de drogas e armamentos. O saldo foi a apreensão de 31 milhões de maços de cigarros, 180 toneladas de entorpecentes, 51 toneladas de agrotóxicos e cerca de 500 armas. O Brasil de Ideias contou com os patrocínios de Carrefour Brasil, Verde Ghaia, EMS Farmacêutica, RV Ímola, Souza Cruz e Solvi Ambiental.

Lições norte- -americanas

NO BRASIL DE IDEIAS, O DESEMBARGADOR, CARLOS EDUARDO THOMPSON FLORES LENZ, RELEMBROU FATOS DA HISTÓRIA DOS EUA QUE PODEM INSPIRAR A REALIDADE DO PAÍS

FILIPPE LOPES

EM MEIO À DISPUTA ELEITORAL norte-americana, o Brasil pode extrair lições sobre a cultura política daquele país, agindo para fortalecer a nossa democracia. Para refletir sobre o assunto, o desembargador federal e ex-presidente do Tribunal Regional Federal (TRF) da 4ª Região, Carlos Eduardo Thompson Flores Lenz, foi o convidado do Brasil de Ideias, ocorrido em São Paulo, em março.

O evento reuniu lideranças empresariais e políticas e aconteceu em meio a um processo atípico de escolha do candidato democrata a disputar a presidência dos Estados Unidos contra Donald Trump. “A corrida presidencial americana assumiu uma forma incomum. Com um aventureiro socialista em foco [Bernie Sanders] e com nomes de pouco vínculo partidário. Precisamos entender como isso pode repercutir na economia brasileira”, afirmou Karim Miskulin, diretora-executiva do Grupo VOTO.

Thompson Flores Lenz teve participação ativa no caso do primeiro pedido de soltura do ex-presidente Lula. Ele determinou que o ex-mandatário continuasse preso e que o processo retornasse ao relator dos casos da Lava Jato na Corte após um desembargador plantonista mandar soltar o político.

Segundo Lenz, a Operação Lava Jato foi resultado da evolução de uma série de experiências judiciais contra a

corrupção nacional, que ajudaram a aperfeiçoar a legislação: “O segredo do sucesso foi a convergência perfeita entre os órgãos de investigação e repressão [Receita Federal, Polícia Federal e Ministério Público] que trabalharam juntos e levaram à apuração dos fatos”.

Os R\$ 6 bilhões devolvidos e os demais valores que devem ser estornados no futuro, de acordo com o desembargador, demonstram que a sociedade brasileira caminha para “não mais suportar desvios de conduta e comportamentos corruptos”.

LACUNAS NO SISTEMA ELEITORAL

O calendário eleitoral brasileiro também foi tema de análise do desembargador. Ele criticou o sistema de eleição simultânea dos cargos de presidente, senador e deputado: “Temos a experiência francesa, no qual se elege o presidente e três meses depois, o parlamento”.

Lenz concluiu que, nessa dinâmica eleitoral, a população dá a chance para o presidente ter a maioria no Congresso e melhorar a governabilidade.



Da esquerda para direita:
Antonio Augusto Mayer dos Santos
e Thompson Flores

Logística que leva *esperança* ~~saúde~~ até você

Neste período não transportamos ou armazenamos medicamentos e insumos médicos. Nós transportamos a **esperança para os pacientes** acometidos pelo Covid-19 e armazenamos o **amor de milhares de profissionais** dedicados em dar o seu melhor para que essas pessoas possam abraçar seus familiares quando tudo isso passar.



Nosso propósito, assim como de todos os nossos colaboradores, é **salvar vidas** por meio daquilo que transportamos. Se já fazíamos nosso trabalho com excelência, nossa carga agora será entregue com uma **dose extra de amor**.



Trabalhando para tudo isso passar!



1



2

Seminário de Abertura do Legislativo 2020, evento promovido pelo Grupo VOTO, reuniu especialistas de diversas áreas



3



4

Participantes dos painéis debateram questões centrais para o País, em temas que foram dos desafios para 2020 ao uso da tecnologia



5



6

1

Da esquerda para a direita: deputados federais Marcel Van Hattem (Novo/RS) e Felipe Rigoni (PSB/ES), Gabriela Manssur (Promotora de Justiça), Paula Belmonte (Novo/SP) e Pedro Bezerra (PTB/CE)

2

Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Movimento Brasil Competitivo, dialoga com Marcos Troyjo, secretário Especial de Relações Internacionais e Comércio Exterior, e Estelvio Schunck, diretor da Consultoria E10

3

Deivison Pedroza (CEO Verde Ghaia), Wilson Ferreira (presidente da Eletrobras), Karim Miskulin (diretora-executiva do Grupo VOTO), Tarcísio de Freitas (ministro da Infraestrutura) e Bia Kicis (deputada federal PSL/DF)

FOTOS: FILIPE CARDOSO; WENDEL LOPES

4

Karim Miskulin, diretora-executiva do Grupo VOTO, frisou a relevância dos encontros e da pluralidade das opiniões frente aos desafios trazidos por 2020

5

Roberto Vilela (RV Ímola), Laércio Albuquerque (presidente da Cisco) e Alberto Fajerman (GOL)

6

O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, Ana Tercia Rodrigues (Conselho Regional de Contabilidade) e Silvio Renato (Unimed)



1

Palestras com alguns dos nomes mais relevantes do cenário político e econômico atual atraíram ótimo público e grandes veículos de comunicação



2



3



4



5



6

PATROCÍNIO



1
Stéphane Engelhard (vice-presidente do Grupo Carrefour Brasil) e Onyx Lorenzoni (então ministro-chefe da Casa Civil e atual responsável pela Pasta da Cidadania)

2
Da esquerda para direita: Stéphane Engelhard (vice-presidente do grupo Carrefour Brasil), deputado federal Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), ministro Ricardo Salles (Meio Ambiente), deputado federal Alceu Moreira (MDB/RS e presidente da Comissão da Agropecuária na Câmara) e Luiz Gonzaga (Presidente da Abetre)

3
Da esquerda para direita Luiz Fernando Barbosa dos Santos, Jorge Gerdau Johnnpeter, Karim Miskulin, Paulo Guedes e Deivison Pedroza

FOTOS: FILIPE CARDOSO; WENDEL LOPES

4
Ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas com Karim Miskulin, diretora-executiva do Grupo VOTO

5
Marco Stefanini, Paulo Uebel (Secretário Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital), Marco Santos, Laércio Albuquerque (Presidente da Cisco) e Marcos Troyjo (Secretário Especial de Relações Internacionais e Comércio Exterior)

6
Welder Peçanha (Gocil), Delcio Sandi (Souza Cruz), Luiz Fernando Barbosa dos Santos (EMS) e Fernando Careli (Ferrero)



Para ser visto e lembrado

“ A SEGURANÇA É UM SENTIMENTO de proteção, necessário e indispensável a uma sociedade e a cada um de seus integrantes, contra ameaças de qualquer natureza. A defesa é a ação capaz de garantir este sentimento.”*

Causa revolta constatar que inúmeros espaços públicos em metrópoles e pequenas comunidades estão tomados por facções criminosas que disseminam o medo. Como é impossível que as forças de segurança estejam atuantes em todos os ambientes, torna-se imperativo otimizar os recursos disponíveis, investir em inteligência e treinar o contingente humano para potencializar o combate ao crime em todas as frentes.

A presença ostensiva de viaturas com giroflex acionado, estacionadas em locais de grande movimento, tem o efeito psicológico positivo de mostrar ao contribuinte que o Estado está presente, zelando por sua vida, família e patrimônio.

nio. O brilho das lâmpadas que piscam de forma intermitente nas cores azul e vermelho vai além do impacto visual. E serve, também, para constrições criminosas.

Com essa convicção, encaminhamos ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul e às prefeituras o programa Zona Segura para equipar as câmeras de segurança com luzes de LED e sinais sonoros em diversos municípios gaúchos. Porto Alegre dispõe de grande número de câmeras, mas os moradores desconhecem a localização, o que impede a frequência a inúmeros locais, especialmente à noite.

A apropriação de vias públicas por parte de marginais é uma das anomalias do aumento populacional e da proliferação da vida nas cidades. Esse fenômeno gerou desemprego e jovens fora da sala de aula, estimulando o crime sob as mais diversas formas. Por isso, é preciso agir de forma coordenada e conjunta para evitar o aumento de delitos que comprometam o cotidiano de famílias e comerciantes de lojas de rua.

A iniciativa, simples, pouco dispendiosa e de resultado efetivo, reflete nossa obsessão pela segurança pública. Trata-se da principal reivindicação dos brasileiros que viabiliza todas as demais demandas sociais do País.

LUCIANO ZUCCO

Graduado em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (Aman) e segurança presidencial no gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, é deputado estadual (PSL/RS)

* TRECHO RETIRADO DE: GUERRA, ESCOLA SUPERIOR DE. "ELEMENTOS FUNDAMENTAIS", IN: MANUAL BÁSICO, VOL. 1, RIO DE JANEIRO, 2014. FOTO: DIVULGAÇÃO



SOLVÍ: NOSSOS SERVIÇOS SÃO ESSENCIAIS À VIDA.

As empresas do Grupo Solví estão unidas na batalha contra o alastramento do COVID-19, ou como é conhecido, o coronavírus. Atuamos na cadeia de serviços essenciais que contribuem diretamente para a Saúde Pública, e por isso, não podemos parar.

Entre o portfólio de Soluções Ambientais do Grupo, encontram-se os serviços de:

- DESTINAÇÃO ADEQUADA DE RESÍDUOS URBANOS E PRIVADOS;
- TRIAGEM E RECICLAGEM DE RESÍDUOS;
- VALORIZAÇÃO ENERGÉTICA DE RESÍDUOS;
- GERAÇÃO DE ENERGIA POR MEIO DA VALORIZAÇÃO DE BIOGÁS;
- LIMPEZA ESPECIAL E DESINFECÇÃO DE LOCAIS DE GRANDE CIRCULAÇÃO;
- COLETA DE RESÍDUOS DE SAÚDE (RSS) EM CLÍNICAS MÉDICAS E HOSPITAIS;
- TRATAMENTO E DESINFECÇÃO DE RESÍDUOS DE SAÚDE EM AUTOCLAVE;
- COLETA DE RESÍDUOS DOMICILIARES E COMERCIAIS;
- LIMPEZA E VARRIÇÃO DE LOGRADOUROS;

Os profissionais de resíduos têm trabalhado de forma exemplar ao se colocarem na linha de frente no enfrentamento à doença. Para a proteção dos colaboradores que estão em serviço, foram adotadas medidas de prevenção especiais por todas as empresas, sob a supervisão de profissionais especialistas.

Como forma de expressar gratidão aos profissionais do setor de resíduos, e ao mesmo tempo, ampliar a informação sobre prevenção ao COVID-19, o Grupo Solví lançou, em mídias sociais, a campanha #umgestodegratidão. Desta maneira, permitindo que as pessoas possam demonstrar apoio aos profissionais que estão trabalhando para manter as cidades limpas, destinando os resíduos de nossas casas e hospitais adequadamente.



Conheça o Grupo Solví e participe!

f #umgestodegratidao

Instagram institutosolvi

www.solvi.com

comunicacao@solvi.com

solví
Soluções para a vida



Receita contra o “coronavírus econômico”

MATEUS BANDEIRA

Foi CEO da Falconi, presidente do Banrisul, secretário de Planejamento do Rio Grande do Sul (RS) e candidato ao governo gaúcho

DESDE QUE O NOVO CORONAVÍRUS foi detectado em Wuhan, na China, instalou-se no mundo um pânico, em parte, irracional. Afinal, entre a minoria das pessoas que contraírem o covid-19 um número muito menor chegará à óbito (0,2% para quem tem menos de 50 anos).

Entre o contingente que contrair o vírus, estarão a salvo aqueles que adquirirem imunidade. Quem estiver em boas condições de saúde, vai apenas contrair uma gripe.

O que acontece com a economia brasileira hoje é bastante semelhante. Num planeta onde a economia é globalizada, a concorrência é permanente.

No mundo empresarial, vence quem tiver menor custo e maior produtividade. No entanto, para que os empreendedores façam sua parte, é preciso um ambiente de negócios saudável – responsabilidade do Poder Público.

Para prover esse ambiente, é óbvio que o Estado deve ter boa saúde, o que inclui contas públicas ajustadas. No Brasil, o governo Michel Temer foi decisivo para conduzir à higidez fiscal ao aprovar, por exemplo, o Teto de Gastos.

O primeiro ano do governo Bolsonaro deu sequência a essa senda virtuosa ao aprovar a Reforma da

Previdência. Ambos os mandatários ajudaram a desmanchar parte do desastre da política intervencionista do PT.

Para lembrar, o governo FHC patrocinou três importantes reformas: o Plano Real, a Lei de Responsabilidade Fiscal e as privatizações da Vale, da Embraer e dos setores de telefonia e energia. Somente nefelibatas ou pregadores da esquerda podem se opor a esses avanços.

Bem, eis que adveio o PT e quase levou o País à falência. O saldo dos 13 anos e os quatro mandatos em que os eleitores escolheram as bandeiras sinistras para conduzir o Brasil foi a maior recessão da história brasileira, um estado de falência fiscal que dura até hoje, 13 milhões de desempregados (hoje, 11,9 milhões) e colapso do serviço público. Tudo regado com o maior esquema de corrupção da história mundial.

OPORTUNIDADE HISTÓRICA

Entre os ensinamentos do patrono do liberalismo no Brasil, Roberto Campos, um deve servir de alerta: “O Brasil nunca perde uma oportunidade de perder oportunidades”.

É chegada a hora de contrariar o genial Roberto Campos e aproveitar essa janela histórica que está bem diante de nossos olhos. E de nossos votos. Em três anos, já conquistamos alguns avanços. Consequência das reformas de Temer e Bolsonaro, a dívida pública parou de crescer (mas ainda não está controlada), os juros são os mais baixos da história e o desemprego está refluindo (lentamente).

Estamos, portanto, no caminho para enfrentar a ameaça do “coronavírus da economia”, qual seja, o Estado desajustado e frágil. Hora, portanto, de não desperdiçar a oportunidade, pois já sabemos o que fazer. De acordo com a equipe do ministro Paulo Guedes, a receita começa pela aprovação da PEC 186, a Emergencial. Ele está correto. Em síntese, a PEC 186 vai criar os gatilhos que estancam o crescimento automático de despesas, o que compromete a Regra de Ouro e o Teto de Gastos, potentes instrumentos de controle de despesas. Sua urgência é dada pelos números.

Em 2014, o investimento público era de 1,4% do PIB. Em 2019, de 0,5%. Isso é, rumamos

para o investimento zero, o que significa que o Estado vai existir somente para pagar salários e custear a máquina pública. Uma insanidade. Com sua aprovação, estaremos nos vacinando contra as consequências da desaceleração econômica mundial. Poderemos pegar um resfriado, mas continuaremos vivos.

Para a consolidação do cenário, é indispensável a participação do Congresso Nacional, que aprova as leis. No passado, pós-redemocratização, o Legislativo deu sinais de maturidade, mas muitas vezes se mostrou perdulário e irresponsável com o aumento do gasto público. Se quiserem tirar de vez o Brasil do atraso, os parlamentares devem aprovar, além da PEC 186, a Reforma Administrativa, a PEC dos Fundos Públicos, a PEC do Pacto Federativo e a Reforma Tributária – esta, para desfazer o sistema de impostos mais complexo do mundo, que hoje suga 35,07% do PIB. Também relevante o novo Marco do Saneamento e o aval às privatizações.

O ALVO: A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Esse é o caminho para o crescimento sustentável e duradouro, que não é um fim em si mesmo. Com ele, como mostrou o hoje próspero Sudeste Asiático, estaremos gerando emprego e renda, além de igualdade de oportunidades – a melhor de todas as formas de justiça social.

A economia de um país só cresce com investimento, aumento de produtividade e inovação. O investimento só virá com confiança, o que depende da capacidade de o Brasil avançar nas reformas. Afinal, é o Estado, em primeiro lugar, que deve gerar confiança.

Assim como uma pessoa saudável tem mais chances diante do coronavírus, o País, caso complete a lição de casa, estará mais resistente às intempéries cíclicas da economia. Cabe a nós, eleitores, exercer a pressão legítima sobre os parlamentares para que tirem de vez o Brasil de nosso renitente estado de letargia econômica.



A eleição presidencial nos Estados Unidos

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL norte-americana, em razão do formato e da extensão que adota, determina um ponto de convergência entre analistas e pesquisadores: a complexidade. Isso é perfeitamente compreensível. Afinal, a Carta da Filadélfia, objeto de apenas duas alterações nesse setor desde 1787, delegou aos Estados-membros a regulamentação do processo eleitoral. Com isso, cada um dos 50 eventos regionais que se sucede país a fora, de fevereiro a junho, tem o seu próprio contorno legal.

Diante da liberdade para a etapa inicial do processo, existem três modalidades de participação dos eleitores. Levando em conta os últimos pleitos, 35 unidades estaduais realizam as primárias, cinco optam pelas convenções e o restante organiza os praticamente extintos *caucuses*.

Resumindo esses acontecimentos – quase sempre estampados nos principais jornais e noticiários do mundo –, enquanto aquelas primeiras atividades são revestidas de contornos solenes, as últimas beiram a informalidade, correspondendo a uma espécie de reunião política organizada por grupos de filiados ou membros influentes dos

principais partidos. Após essa verdadeira maratona geográfica, republicanos, democratas, verdes e todos os demais realizam a sua convenção nacional para homologar o nome que disputará a Casa Branca. O candidato ao cargo de vice-presidente é geralmente o segundo colocado das prévias. Nos Estados Unidos (EUA), as candidaturas são apresentadas em “chapas puras”.

Indo adiante no calendário, entre os meses de julho e novembro os candidatos percorrem mais uma vez o país em eventos e comícios buscando convencer o eleitorado, agora não somente acerca das suas propostas, mas também de voto, vez que, em terras americanas, esse ato é facultativo.

A seguir, uma vez apuradas as urnas e transcorrido um mês da eleição, o colégio eleitoral formado por 538 delegados estaduais se reúne e elege o titular do Salão Oval para os quatro anos seguintes. Esses delegados são em número máximo de 47 e no mínimo de três por Estado.

Nesse item conclusivo do processo, que é o pleito indireto, há um nítido predomínio da tradição. O sufrágio realizado pelo colegiado mantém intacto o espírito constitucional cimentado pelos fundadores da nação no sentido de que a essência democrática está assentada na representatividade do Poder Legislativo – este, sim, a ser eleito diretamente pela população. Isso se deve, segundo estudiosos e historiadores do sistema político dos EUA, ao temor de que o poderio presidencial pudesse derivar em despotismo, caractere decisivo para a ruptura com a Coroa Britânica.

Ao fim e ao cabo, é importante presente que, embora longo – posto que datado da eleição de 1789, a mesma que consagrou George Washington como o primeiro presidente dos EUA –, tal formato não encontra resistência ou maiores objeções entre os norte-americanos.

ANTÔNIO AUGUSTO
MAYER DOS SANTOS

É advogado
(aamsadv@gmail.com)

FOTO: DIVULGAÇÃO

Viralize esta dica para o Coronavírus não viralizar:

evite aglomerações neste momento.



ESCANEE O
CÓDIGO PARA
COMPARTILHAR
ESTA DICA.



Sua saúde merece

[f](#) [@](#) /emsfarmaceutica

Elas fazem a diferença

LÚCIA HELENA DE CAMARGO

A proporção de mulheres em cargos de liderança

aumentou nove pontos porcentuais em nove anos na média mundial, passando de 20% em 2011 para 29% em 2020. É o que mostra a pesquisa Women in Business 2020, feita anualmente pela Grant Thornton.

E por que é importante ter mulheres no comando? Sem advogarmos em causa própria, citamos um homem respeitado: “Precisamos ter mulheres na mesa de decisão. Se sua organização só tem homens, está perdendo informações”, disse Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, no Brasil, em maio de 2019.



O MODO FEMININO DE OPERAR tem conquistado as corporações por vários motivos: o mundo hoje exige, mais do que nunca, líderes que saibam aproveitar aptidões diversas e pensar de maneira global, mas sem se distanciar do particular, da atenção com cada colaborador e aos detalhes. “Embora a mulher ainda estude mais, trabalhe mais e receba salários menores, houve uma mudança radical nos últimos dez anos, com mais mulheres assumindo o protagonismo”, diz a pesquisadora Alice Salvo Sosnowski, autora do livro *Empreendedorismo para leigos* (Alta Books).

Avançamos na direção de construir uma sociedade na qual mulheres e homens compartilhem espaços de poder igualmente. Mas a proporção de 29% de líderes mulheres para 71% de homens, como na pesquisa citada, ainda está longe de ser ideal, já que as mulheres formam metade da população. Nesse contexto global, a VOTO decidiu reunir exemplos de mulheres que conquistaram posições por muito tempo ocupadas exclusivamente por homens.

Em parceria com o jornal britânico *Financial Times*, VOTO lança o projeto Mulheres que Orgulham o Brasil. Vamos homenagear brasileiras referências em suas áreas, no País e também no exterior. Como parte do projeto, haverá neste ano um evento em São Paulo, no Palácio Tangará, e outro em Londres, na sede do *Financial Times*.

Nesta edição, trazemos perfis de cinco das dez homenageadas. São elas: Michelle Bolsonaro, primeira-dama do Brasil; Patricia Ellen, secretária de Desenvolvimento do Estado de São Paulo; Karina Kufa, advogada especialista em legislação eleitoral; Gabriela Manssur, promotora de Justiça e fundadora do movimento Justiça de Saia; e Paula Paschoal, CEO do PayPal.

Além de impactar positivamente o meio no qual atuam, as ações dessas mulheres seguem direcionadas à luta por um Brasil mais justo, próspero e desenvolvido.



FOTO: CAROLINA ANTUNES/DIVULGAÇÃO

Michelle Bolsonaro

“

**É uma grande
satisfação, um
privilegio, poder
trabalhar para
toda a sociedade
brasileira.**

O Brasil conheceu Michelle Bolsonaro em rede nacional de TV, quando discursou durante a cerimônia de posse do marido, o presidente Jair Bolsonaro, na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A quebra do protocolo mostrou ao País o tema que é caro à primeira-dama: a inclusão das pessoas com deficiência auditiva.

O ensino de Libras nas escolas públicas está entre as bandeiras defendidas por essa brasileira, natural de Ceilândia, cidade-satélite do Distrito Federal. Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro concluiu seus estudos em escola pública e trabalhou como secretária parlamentar entre 2004 e 2008, na Câmara dos Deputados. De origem nordestina e mãe de uma filha, Letícia, casou-se em 2007 com o então deputado federal Jair Bolsonaro, com quem teve outra filha, Laura.

Evangélica, a primeira-dama integra o Ministério de Surdos e Mudos da Igreja Batista, na qual atuava como intérprete de Libras nos cultos. Ativista de diversas causas sociais, sua luta é relacionada às pessoas com deficiência.

Em janeiro de 2019, primeiro mês do novo governo, ela protagonizou uma campanha de conscientização sobre doenças raras. Em conjunto com a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves, abriu um fórum de discussão sobre o assunto. “Venho até aqui propor um trabalho cada vez mais comprometido e qualificado sobre as doenças raras, a inclusão e a qualidade de vida das pessoas com síndromes e com doenças raras, além das pessoas com surdez e outras deficiências, com quem me identifico, são a minha bandeira. E essa é a minha luta”, disse, na ocasião.

Outras causas defendidas pela primeira-dama são inclusão digital, com apoio a projetos de robótica dirigidos a pessoas com deficiência; conscientização sobre autismo; instauração de políticas de acessibilidade nas empresas; recuperação de dependentes químicos; e o incentivo ao voluntariado, por meio do projeto Pátria Voluntária, cuja proposta é que essa atividade não remunerada seja critério de desempate em concursos públicos.

Patricia Ellen

“

O CEP pode determinar o seu futuro, mas acredito que possamos mudar essa realidade, apesar dos desafios.

“

NASCI NA VILA DAS BELEZAS, no distrito do Campo Limpo, na periferia de São Paulo. Vi na minha história e na de meus familiares como os acessos à educação de qualidade e às oportunidades de trabalho podem fazer a diferença na vida de uma pessoa – e, muitas vezes, de toda a sua família”, lembra a secretária de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, Patricia Ellen, que chegou ao cargo a convite do governador João Doria (PSDB).

“Hoje, moro a exatamente 20 quilômetros de distância da casa na qual nasci, e a diferença média da expectativa de vida é de quase 20 anos. O CEP pode determinar o seu futuro, mas acredito que possamos mudar essa realidade, apesar dos desafios. Por isso, aceitei o convite para integrar esta gestão, com uma missão clara: diminuir a desigualdade e gerar oportunidades”, explica a gestora, que também é uma das fundadoras do movimento de renovação política Agora!. Para ela, participar da administração pública é o melhor caminho para trabalhar em prol da melhoria das condições de vida das pessoas.

Formada pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), tem mestrado em Administração Pública pela Harvard Kennedy School e MBA pela escola de negócios INSEAD. Patricia foi presidente da Optum no Brasil, empresa de tecnologia em saúde do grupo United Health, na qual trabalhou com inovação em saúde e também sócia da consultoria empresarial McKinsey & Company. Chegou a ser membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República.

Em 2016, foi nomeada Jovem Líder Global pelo Fórum Econômico Mundial. E ainda dá aulas de gestão pública no Centro de Liderança Pública (CLP), organização que visa a formar e qualificar gestores públicos.

A secretária declara que o norte de seu trabalho é direcionado a criar empregos, desenvolver o empreendedorismo e melhorar a renda na capital paulista: “Quando falamos em números aqui, em atração de investimentos, quando pensamos em cada política pública que criamos, não são apenas números, são pessoas. Meritocracia pressupõe igualdade de oportunidades.”



FOTO: CHRISTIAN PARENTE

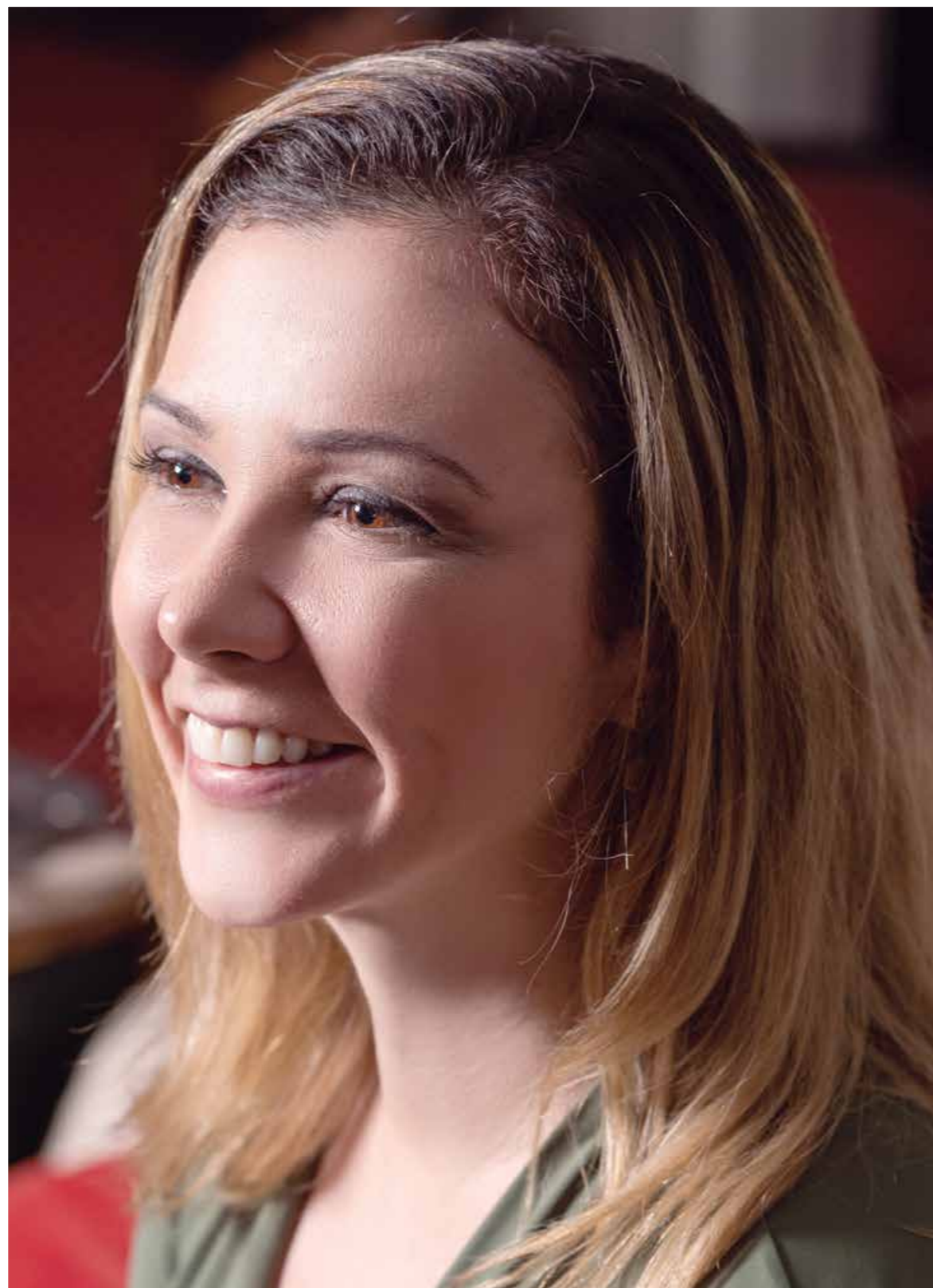


FOTO: GUILHERME COBBI/DIVULGAÇÃO

Karina Kufa

“

O empoderamento da mulher encontra barreiras nos próprios movimentos que o defendem.

E SPECIALIZADA EM LEGISLAÇÃO eleitoral, Karina de Paula Kufa é advogada do presidente Jair Bolsonaro, tesoureira da organização política Aliança pelo Brasil e presidente da comissão de *compliance* eleitoral e partidária do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. Idealizadora da Eleita, plataforma suprapartidária de candidaturas femininas, uma de suas linhas de atuação é a defesa de que, nas eleições, os votos recebidos pelo “puxador” (o candidato ao Legislativo mais votado no partido) sejam destinados a alavancar eleições de mulheres.

Ela afirma que sua opção por integrar o governo desperta reações adversas. “O empoderamento da mulher encontra barreiras nos próprios movimentos que o defendem. A ideia do ‘deixa ela ser o que quiser’ só é pertinente quando voltada às pautas, ideologias e personagens que lhes agradam. Todos os mantras do feminismo caíram por terra quando a comunidade se voltou contra mim (e contra todas as outras mulheres que apoiam Bolsonaro) por ser a primeira mulher a advogar para um presidente da República do Brasil. A realidade se distancia do discurso toda vez que ouço de outra mulher: ‘você não deveria estar aí’. Ora, não seria isso assumir o papel do patriarcado que elas tanto combatem?”, questiona. Ela continua: “Criticism tanto o presidente, acusando-o de misoginia, mas não toleram mulheres ocupando cargos em secretarias e ministérios em um governo que elas não aceitam, mas que está – sim – batalhando em favor da mulher”.

Entre os assuntos sobre os quais é convidada a dar palestras ou escrever artigos estão o financiamento de partidos, campanhas eleitorais e o uso do dinheiro público e a proporcionalidade de recursos para candidaturas femininas. “É fácil dizer que se é feminista como sinônimo de defender e apoiar mulheres, apenas adotando linguagem e aparência feminista, mas se distanciando da coerência e usando o rótulo de defensora de forma conveniente e seletiva”, afirma Karina.

A advogada também costuma discorrer a respeito de aspectos polêmicos relacionados às ações investigativas da justiça eleitoral; métodos de ressarcimento dos custos das eleições; improbidade administrativa e lei da ficha limpa. E segue coerente e segura com sua escolha: “Um recado que eu dou a quem não gosta de mim por ser advogada de quem não queriam no poder máximo: meu corpo, minha vida, minhas regras.”

Gabriela Manssur

“

Enquanto mulheres estiverem morrendo, sendo estupradas e sofrendo violência, sempre haverá algo a ser feito.

DEFENDER MULHERES contra a violência de gênero é o projeto de vida da promotora Gabriela Manssur. Fundadora do movimento Justiça de Saia, entre suas batalhas estão o combate ao feminicídio e a criação de condições para que mais mulheres tenham independência financeira e, assim, conquistem autonomia.

Formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mãe de uma jovem e de dois meninos, Maria Gabriela Prado Manssur mantém no Justiça de Saia programas como o Educa-Ação, voltado a adolescentes, cujo objetivo é levar informações sobre a violência contra a mulher e discussões acerca da Lei Maria da Penha a escolas; além do Menssana, que oferece avaliação psicológica gratuita às mulheres.

Os bons resultados do projeto Tempo de Despertar, que busca a ressocialização do autor de violências contra a mulher, inspiraram até a elaboração de uma lei municipal, já vigente em Taboão da Serra (SP), e projetos de lei nos mesmos moldes em tramitação no Estado de São Paulo e no Senado.

O movimento abrange ainda o Anjos da Violência contra a Mulher, que treina porteiros, zeladores, funcionários do condomínio, síndicos, condôminos e membros de associações, hotéis e flats para orientá-los a como proceder em situações de violências doméstica e familiar contra a mulher; e o Luz Feminina, que se constitui de rodas de conversas sobre relacionamentos abusivos ou violência em espaços religiosos. Ainda tem o Lídera, que incentiva a inclusão e o fortalecimento de mulheres na política e em espaços de poder, decisão e liderança; e o Movimento pela Mulher, que fomenta o esporte (Gabriela pratica a corrida há 20 anos) com foco no resgate da autoestima feminina.

Em seu trabalho no Ministério Público, a promotora comanda o Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica (Gevid-MPSP) e ainda integra a direção da Associação Paulista do Ministério Público. O trabalho consistente levou seu nome à lista de finalistas do Prêmio Claudia 2019 na categoria Influenciadora Social. “Eu aprendi a não dizer: ‘Sensação de dever cumprido’. Enquanto mulheres estiverem morrendo, sendo estupradas e sofrendo qualquer tipo de violência, sempre haverá algo a ser feito. Este é o meu comprometimento com a sociedade brasileira: ir além”, afirma Gabriela.



FOTO: DIVULGAÇÃO



FOTO CHRISTIAN PARENTE

Paula Paschoal

“

**Ter o nome
impresso no
contrato social
trouxe um nível de
responsabilidade
que me tirou da
zona de conforto.**

“

SOU BRANCA, NUNCA PASSEI FOME, tenho pais casados e sempre estudei nas melhores escolas. São realmente preciosos privilégios. Vejo muita gente com a mesma dedicação que eu para quem as chances não surgem, as portas não se abrem. Tenho me esforçado em entender como é possível levar às mulheres oportunidades semelhantes às que eu tive. Considero essa ação fundamental para a minha carreira, pois é o legado que quero deixar.”

A declaração é de Paula Paschoal, diretora-geral da PayPal Brasil, que batalha todos os dias para mudar essa realidade, por entender que a oferta de oportunidades não é igual para todos. A julgar pelos números da empresa, seu empenho pela equidade dá resultado. Segundo ela, 54% dos cargos de liderança na PayPal são ocupados por mulheres. “Estamos entre as exceções do mercado”, orgulha-se, ao comparar: “A quantidade de mulheres líderes no planeta não chega a 12%; no Brasil e nos Estados Unidos, a situação é ainda pior”.

Ela afirma ainda que o fato de ter dois filhos a ajudou na carreira: “Foi tão positivo que engravidei de novo menos de um ano depois do primeiro e, quando voltei da segunda licença-maternidade, fui promovida. Em junho de 2017, aos 36 anos, me tornei gerente-geral”.

Paulista nascida em Araraquara, ela é formada (Faap) e pós-graduada (FGV) em Administração de Empresas. Antes de entrar na PayPal, foi responsável pelas operações do site da livraria Fnac no Brasil, trabalhou no Hotel Transamérica, na Câmara Americana de Comércio (Amcham) de São Paulo e na empresa de tecnologia AMD.

A experiência no varejo foi decisiva para ser contratada pela PayPal, em 2010, como chefe de Desenvolvimento de Negócios e Serviços Comerciais: “No decorrer da carreira, fui preparada para assumir o cargo que ocupo hoje. Entretanto, a evolução ocorreu subindo um degrau de cada vez”, diz ela, que assumiu o posto de diretora-geral da corporação em 2017. E lembra que a ascensão profissional motivou uma transformação: “Ter o nome impresso no contrato social trouxe um nível de responsabilidade que me tirou da zona de conforto, gerou exposição junto à imprensa e aumentou minha presença em eventos pelo Brasil”, relata Paula, “então, a partir daí, passei a refletir sobre meu papel no mundo.”

Por elas, para elas.

Valorizamos a diversidade e a inclusão. Cuidamos da relação entre todos, promovendo o respeito no convívio diário.

Treinamos líderes e equipes para garantir um ambiente de trabalho respeitoso e com igualdade de oportunidades, em um movimento constante de compartilhamento de experiências e ideias. Além disso, temos como um dos nossos objetivos garantir a equidade de gênero e aumentar o número de mulheres em cargos de liderança no Carrefour Brasil.

Por isso, temos ações afirmativas para avançarmos com o nosso objetivo, tais como grupo de afinidade **Carrefour por Elas**, treinamentos de liderança especificamente para mulheres, plano de comunicação sobre machismo estrutural e um canal de acolhimento a colaboradoras em situação de violência.

Acreditamos no valor das pessoas.

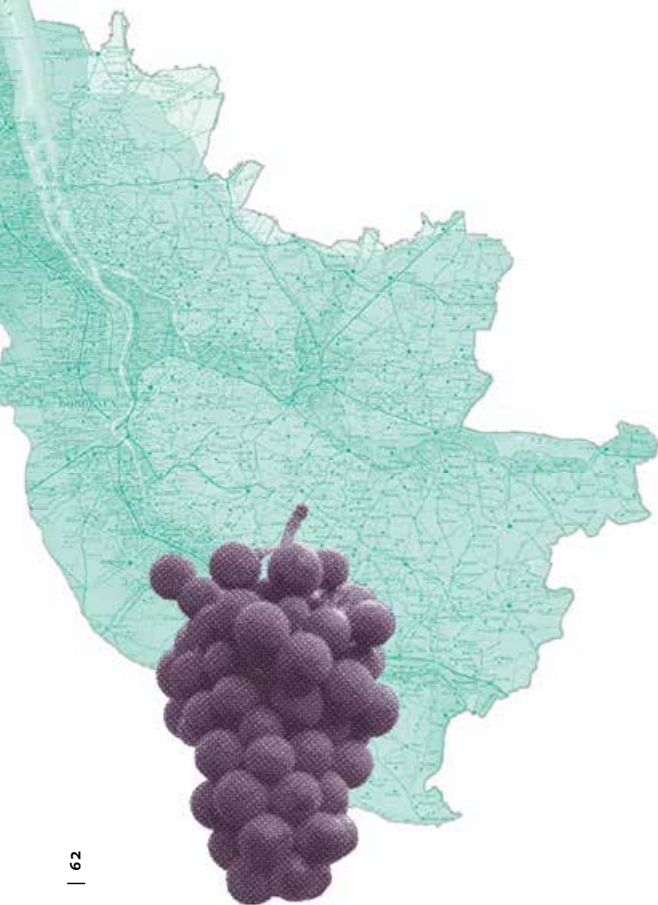
E estamos aqui porque valorizamos todas as histórias. Estamos aqui porque respeito é o valor que nos une.

The Carrefour logo, a stylized white 'C' with two arrows pointing left and right, is centered on a background of horizontal stripes in orange and purple. Below the logo, the word 'Carrefour' is written in a white, sans-serif font on an orange stripe.

Carrefour

#TODXSMERECERESPEITO

Bordeaux e as uvas que dominaram o mundo



KARENE VILELA

Publicitária e enófila por paixão, formou-se sommelier pela Court of Master Sommeliers, tem DipWSET e é CEO da Portus Cale. Sócia idealizadora do projeto Got Wine?, é uma das poucas brasileiras aceitas como estudante do Instituto Masters of Wine. @kvilela

O VINHO DE BORDEAUX é um dos mais famosos e cobiçados do mundo. Sua longevidade se iguala ao poder de sedução que exerce nos consumidores.

Para os enófilos (aqueles que gostam de vinho), a região de Bordeaux também é unanimidade em relação à qualidade das suas criações. Marcas ovacionadas pelo mundo estão sediadas nesse território mítico da França. Château Latour, Château Lafite, Château Mouton Rothschild, Cheval Blanc, Château Margaux e Petrus são só alguns dos grandes rótulos ali produzidos.

Confesso que sempre fui uma amante das produções de outra região francesa, a Borgonha. Demorei anos para me render aos encantos dos poderosos e tânicos de Bordeaux. Descobri que algumas dessas produções mais famosas, quando degustadas muito novas, podem realmente ser uma experiência desagradável para estreates. Há o risco de os taninos (aquela substância que “seca” a boca quando bebemos) estarem bem recentes ou ainda de a madeira ou da fruta se mostrarem mais pronunciadas, “pesando” um pouco.

Bordeaux é como a maturidade, quando nos sentimos nos auge intelectual e emocional, atingimos o equilíbrio perfeito entre todas as variáveis de nossas vidas. Da mesma forma, apenas o passar dos anos consegue aportar ao

vinho a elegância do Borgonha, a potência das melhores marcas e, finalmente, o balanço ideal entre todos os fatores. Só o tempo realmente nos torna menos ácidos e duros e mais acessíveis.

Como muitos vinhos com longa história, há bastante a aprender sobre eles. Abordarei o básico. Os renomados tintos, brancos e de sobremesa de Bordeaux são produtos de *blends* (mistura de uvas diferentes) tão bem-sucedidos, que foram imitados em todo o mundo.

Os tintos se baseiam principalmente em três uvas: Cabernet Sauvignon, Merlot e Cabernet Franc. Petit Verdot, Malbec e Carménère também são permitidas, mas seu uso diminuiu bastante nas últimas décadas. Os brancos e os de sobremesa de Bordeaux têm como base a Sémillon e a Sauvignon Blanc, com Muscadelle e outras variedades.

Esse formato de mistura de uvas popular em regiões como Bordeaux, Champagne e sul do Rhône é um meio de alcançar complexidade e consistência qualitativa. A utilização de diversos tipos que amadurecem em diferentes momentos permite que os produtores ajustem suas combinações para melhor atender às dificuldades de uma determinada safra e, além disso, criar uma receita e um estilo únicos para cada rótulo.

O corte clássico bordelês (*blends* com uvas de Bordeaux) pode ser encontrado em vários continentes. Dependendo dos estilos regionais, também é misturado com porcentagens de uvas locais. Embora existam Bordeaux tintos e brancos, o nome está associado principalmente ao tinto.

No novo mundo do vinho, diversas recriações do corte bordelês alcançaram sucesso. O Vale de Napa, na Califórnia, foi uma das primeiras regiões a se destacarem nessas empreitadas. No entanto, a África do Sul, a Argentina e o Chile se tornaram responsáveis por replicar a aplaudida fórmula em grande escala. No Brasil, o Vale dos Vinhedos (RS) tem Merlot e Cabernet Sauvignon como foco; já a Sauvignon Blanc se destaca na Serra Catarinense.

Nossos amigos lusitanos, italianos e espanhóis há muito caíram na graça das uvas bordalesas, hoje conhecidas como as “castas internacionais”. A tradicional Quinta da Bacalhôa foi a precursora portuguesa na produção de um Bordeaux fora da França.

O que fazer em Bordeaux?

Você pode passear a pé e visitar igrejas antigas, *châteaux*, restaurantes e *winebars*, além de participar de degustações de vinho. Roteiros de barco também são boas opções.

Desde a abertura, em 2016, o La Cité du Vin se tornou atração obrigatória para os turistas. É um museu de nova geração, onde o vinho ganha vida por abordagem imersiva e sensorial, tudo dentro de um projeto arquitetônico sugestivo. Além disso, é possível degustar e comprar marcas de quase todos os lugares do mundo.

Mesmo utilizando esse estilo há séculos, a região de Bordeaux se reinventa sempre. Em 2019, já pensando nas mudanças climáticas das próximas décadas, novas uvas foram autorizadas para produção. Coincidentemente, Bordeaux libera agora o plantio de uvas portuguesas, como a Touriga Nacional e a branca Alvarinho. É nesse intercâmbio cultural e globalizado que o universo do vinho eterniza grandes clássicos.

Uma viagem animal!

SEMPRE GOSTEI DE EXPLORAR destinos diferentes. Há mais de 20 anos, minha lua de mel foi na África do Sul. Jantei com leões e segurei filhotinhos no colo. Hoje, não curto turismo que explora animais e onde se tornam “humanizados”. Por isso, escolhi Botsuana para estas férias, pois é um dos melhores países para ver de perto a vida selvagem e com a maior concentração de fauna. Lá, o turismo é sustentável, o sol se põe alaranjado e a natureza é envolvente.

Escolhi os hotéis da rede Desert & Delta Safaris. São voltados para preservação e sustentabilidade da vida selvagem. Têm, no máximo, 12 tendas e os *lodges* (pousadas) são rústicos, mas sofisticados – como qualquer hotel de luxo –, com água quente, lençóis com muitos fios, madeira reciclada e decoração de bom gosto.

Maun é a capital do turismo de Botsuana. O aeroporto é micro, sem nenhuma estrutura (e as hospedagens mais exclusivas são distantes e só podem ser acessadas por voos fretados de 15 a 25 minutos em aviões pequenos. Supere qualquer medo e encare! As regiões sobrevoadas são verdes e contornadas por rios, um cenário diferente de tudo o que nos remete à África.



A África é um destino riquíssimo, que faz nossa alma despertar e nos impulsiona a querer viver aventuras inesquecíveis. É para colecionar memórias para toda a vida. Uma viagem animal!

FOTOS: JULIANA NAKAD STERENBERG/DIVULGAÇÃO

Dicas práticas

- Malas “duras” com rodinhas não são permitidas nos voos fretados. Separe suas roupas do safári em malas “moles”. Verifique no aeroporto onde deixar as bagagens maiores.
- Leve protetor solar, chapéu, repelente e blusas com proteção.
- Use sapatos fechados e roupas de cores neutras para não “perturbar” os animais.
- Óculos escuros e colírio para proteger os olhos da poeira.
- Os guias adoram sua participação nos safáris. Você pode ajudá-los a encontrar os animais.
- Leve poucas roupas, todos os hotéis oferecem serviços gratuitos de lavanderia.
- Mesmo no inverno, leve roupa de banho. Durante o dia o calor é infernal, e o melhor é relaxar na piscina!

A rotina do safári costuma se repetir: acordar cedo (5h30), paradinha para Amarula Coffee no meio da manhã, sesta pós-almoço, drinque para brindar ao pôr do sol e dormir cedo.

Os jantares são em volta de fogueiras, onde trocamos histórias com hóspedes de todo o mundo entre goles de vinhos sul-africanos. Tive a oportunidade de flagrar um leão abatendo uma presa – até o barulho de estraçalhar dos ossos conseguimos ouvir. Mais selvagem que isso, impossível. Inesquecível se deparar com leões protegendo os filhotes, leopardos bebês solitários, búfalos com cara de mau, zebras e gnus lado a lado, veados assustados, girafas desfilar, javalis, antílopes, babuínos, aves coloridas, crocodilos, elefantes de todos os tamanhos e hipopótamos assustadores. É de se emocionar tamanha diversidade de fauna e flora.

HOSPEDAGEM

Sugiro dividir a viagem em dois *lodges*: Savute Safari Lodge, no Chobe National Park (que abriga a maior população de elefantes da África), e Camp Xakanaxa, no Okavango Delta – aqui, o diferencial é o safári aquático para observação de hipopótamos, crocodilos e aves lindíssimas. As paisagens distintas tornaram a experiência mais completa. Uma viagem animal!



JULIANA NAKAD STERENBERG

@natripdaju

O sol é para todos



N ESTES TEMPOS de manifestações racistas nos campos de futebol do mundo, renascimento de movimentos de raças superiores e países impondo barreiras contra a imigração, merece revisão um texto clássico que gerou um filme apontado como um dos melhores da história do cinema.

O filme é *O sol é para todos* (1962), do cineasta Robert Mulligan. O advogado Atticus Finch (Gregory Peck, em interpretação premiada com o Oscar), recebe de um juiz a missão de defender um homem negro acusado de ter estuprado uma jovem branca em uma pequena cidade do Alabama, na década de 1930.

O filme é baseado no romance premiado com o Prêmio Pulitzer *To Kill a Mockingbird*, publicado em 1960 pela escritora Harper Lee.

Embora o contexto de segregação existente no Alabama nos anos de 1930 seja elemento essencial da trama, a história de *O sol é para todos* é universal e atemporal.

O sol é para todos está atualmente em cartaz na Broadway, em montagem teatral premiada feita pelo produtor Aaron Sorkin, responsável pela excepcional série de TV sobre jornalismo *The Newsroom*, da HBO.

Steven Spielberg, ao ser paranin-fo de uma turma da Universidade

de Harvard, em 2016, afirmou: “Instintivamente – e, talvez, até mesmo geneticamente –, nós dividimos o mundo entre ‘nós’ e ‘eles’. Então, a pergunta que não quer calar deve ser: como todos nós, juntos, poderíamos encontrar o ‘nós’ simplesmente? Como poderíamos fazer isso? Porque não há diferença entre quem é discriminado: muçulmanos, judeus, minorias ou estados de fronteiras, a comunidade LGBT – tudo é um grande ódio. Para mim (e, imagino, para todos vocês), a única resposta para mais ódio é mais humanidade. ‘Nós’ e ‘eles’ – nós encontraremos o simplesmente ‘nós’ ao nos conectarmos uns com os outros. E ao acreditar que somos membros da mesma tribo. E sentirmos empatia por todas as almas”. Nada pode ser mais humano e atual do que *O sol é para todos*. Empatia por todas as almas.



MARCO ANTÔNIO BEZERRA CAMPOS

Advogado (campos@camposea.adv.br) e cinéfilo, foi presidente do Clube de Cinema de Porto Alegre por 18 anos e é editor do blog *O Cinemarco* (www.cinemarcoblog.net).

FOTO: DIVULGAÇÃO; ILUSTRAÇÃO: ALBERTO LINS

AFETIVIDADE É COMEÇAR UM NOVO RELACIONAMENTO.
AFETIVIDADE É SABER O QUE SE QUER COM ELE.
AFETIVIDADE É OS DOIS IREM SE CONHECENDO AOS POUCOS, QUALIDADES E DEFEITOS.
AFETIVIDADE É SABER ONDE CADA UM PODE AJUDAR O OUTRO.
AFETIVIDADE É COMPARTILHAR HISTÓRIAS.
AFETIVIDADE É ESTAR AO LADO NOS BONS E MAUS CAPÍTULOS.
AFETIVIDADE É VOCÊ TER GOSTADO DESTE PAPO.
AFETIVIDADE É PERCEBER QUE ESTAMOS FALANDO DE PESSOAS, PESSOAS QUE TORNAM AS MARCAS VIVAS.
AFETIVIDADE É VIR TOMAR UM CAFÉ COM A GENTE.
AFETIVIDADE É SABER QUE SERÁ APENAS O PRIMEIRO.



JUNTOS, SOMOS MAIS FORTES

**MAIS UMA VEZ, A SOUZA CRUZ ESTÁ MOBILIZADA
PARA AJUDAR O PAÍS EM UM MOMENTO DIFÍCIL.**

EM PARCERIA COM GOVERNOS E ENTIDADES DO TERCEIRO SETOR,
ESTAMOS UTILIZANDO NOSSA EFICIÊNCIA LOGÍSTICA E A SOLIDARIEDADE DO
NOSSO TIME PARA DOAR E DISTRIBUIR PRODUTOS ESSENCIAIS AO COMBATE
DO COVID19 ÀS COMUNIDADES MAIS REMOTAS.



SOUZA CRUZ

uma empresa do Grupo
British American Tobacco